

VASCO MC MARTINS

O Salto

O JORNAL DOS TRABALHADORES PORTUGUESES EMIGRADOS

LE JOURNAL DES TRAVAILLEURS PORTUGAIS IMMIGRES - B.P. 95 - 75 522 PARIS CEDEX 11 - C.C.P. 562 685 - MENSUEL - 1DM - 1 FI - 10 FB - 1 F-1,5 S.Kr.

Editorial

AS NOSSAS TAREFAS PARA O ANO DE 1974

Que melhor desejarmos para o nosso jornal, neste novo ano de 1974, do que ver cumpridos os objectivos que nos propusemos há 3 anos? Um deles, o mais importante, era *publicar «O Salto»* quinzenalmente.

PORQUÊ «O SALTO» QUINZENAL

Só saindo regularmente e, pelo menos, todos os quinze dias, poderá *O Salto* cumprir eficazmente a tarefa que é a sua: *unir numa única força todos aqueles que, nos mais diversos pontos da emigração, aspiram a um Portugal onde não seja preciso emigrar.*

A luta por um *Salto* regular e quinzenal é a mais importante tarefa de todas as múltiplas tarefas da luta geral do movimento popular das massas emigradas, para este ano de 1974. Só saindo, desde já, regularmente, todos os meses, poderá *O Salto* ser uma poderosa força mobilizadora das largas massas de trabalhadores portugueses emigrados para os II Jogos Florais. Como se pode ver na última página do nosso jornal, as associações irão cuidadosamente executar, ao longo dos próximos cinco meses, o plano de trabalho que as levará a apresentar uma peça de teatro, ou um rancho folclórico, ou um grupo musical nos II Jogos Florais. Da mesma maneira, nós executaremos as tarefas que levarão a que o nosso jornal tenha, em Junho, entrado na fase decisiva da luta pela sua publicação quinzenal.

UM OBJECTIVO POSSÍVEL

Mas para que esta nossa tarefa se concretize, não basta que, na noite de 31 de Dezembro de 1973, nos tivéssemos deitado cheios de boa vontade para a cumprirmos. Não será assim que *O Salto* passará a ser quinzenal, em 1974.

O Salto quinzenal, dirão alguns, isso é muito difícil! Nós sabemos bem, todos os camaradas o sabem, que será uma tarefa difícil, que só à custa de muitos sacrifícios seremos capazes de publicar o nosso jornal com semelhante periodicidade. Mas ser

muito difícil não é o mesmo que ser impossível.

Para que possamos cumprir a nossa tarefa é necessário que, em primeiro lugar, todos os colaboradores se animem de uma firme resolução que não recuem perante os sacrifícios e ultrapassem todas as dificuldades que surjam. Em segundo lugar, é necessário que, ao mesmo tempo que incrementamos a venda de *O Salto*, nos locais de trabalho e de habitação dos trabalhadores emigrados, desenvolvamos todas as outras actividades que contribuem para a elevação da consciência dos trabalhadores portugueses emigrados: trabalhando nas associações para que estas alarguem a sua massa associativa e para que os trabalhadores portugueses emigrados compreendam, cada vez melhor, a necessidade de um Portugal Democrático e Popular. O desenvolvimento da consciência política dos trabalhadores portugueses emigrados significa um aumento do número de leitores de *O Salto* e do número de colaboradores.

POR MIL NOVOS ASSINANTES

Os assinantes são a principal garantia da regularidade de um jornal. Cada assinante é um leitor garantido de todos os números do jornal. Este aspecto importante da vida do jornal foi, até hoje, descurado por nós. Com mil novos assinantes, *O Salto* quinzenal será uma realidade. A campanha «Por Mil Novos Assinantes» é, pois, a mais importante tarefa com vista à publicação quinzenal de *O Salto*.

Nesta campanha, devem participar todos os colaboradores, todos os assinantes todos os leitores, todos os amigos de *O Salto*. Nas nossas páginas, acompanharemos o desenrolar da campanha através de informações sobre os assinantes, por cada equipa de vendas, por cada colaborador.

Camaradas!

O Comité Executivo do jornal *O Salto* apela para todos os colaboradores combaterem resolutamente o espírito derrotista do «é impossível» e se lançarem todos com vigor à batalha por mil novos assinantes para *O Salto* quinzenal.

A «CRISE DO PETRÓLEO» FRANÇA, ALEMANHA... TEMOS DIREITO A FICAR!

Era fácil vir «a salto», arranjar um patrão, obter uma autorização provisória de estadia («récépissé») e, num curto espaço de

tempo, conseguir a carta de estadia (carta de «séjour») e a carta de trabalho. Para renovar os «papiers», também não eram grandes

os problemas levantados. O patronato francês e o seu governo seguiam uma política que, por um lado, incrementava a emigração clandestina e, por outro lado, permitia a sua fixação. Nos outros países da Europa capitalista (Alemanha, Bélgica, Holanda, Luxemburgo, Dinamarca, etc.), apesar do sistema de entradas se processar de maneira diferente, a política seguida era a mesma por todos eles: ter um grande número de emigrantes que satisfizesse

as necessidades das grandes empresas.

No entanto, a partir de 1971, os capitalistas dos grandes países começam a preocupar-se em «pôr ordem na entrada de emigrantes» e não nos deixar muito à larga, e isto com o fim de nos fazer pagar, em primeiro lugar, o preço de uma crise económica e tentar evitar a nossa união com os trabalhadores destes países, na luta diária que a classe operária move pelos seus direitos e contra as injustiças patronais.

A circular Fontanet-Marcellin, em França, é uma lei que pretende alcançar estes objectivos e tem, nos países que atrás referimos, as suas irmãs gémeas.

A CIRCULAR FONTANET-MARCELLIN

Apreciemos as modificações e «inovações» mais importantes desta lei:

1. Todo o emigrante, para entrar em França, necessita de um contrato adquirido através do Secretariado Nacional de Emigração, em Portugal, e que será válido por um ano e para uma profissão determinada. Isto vem facilitar o patronato que, todos os anos, poderá ter uma mão-de-obra renovada e jovem.

2. A carta de estadia («séjour») e a carta de trabalho terão

Continua na p. 3



O SALTO

56, rue de la Fontaine-au-Roi
75011 PARIS
Metro Goncourt

Horas de abertura

2ª feira das 16h às 22h 30
Sábado das 16h às 20h

Secção Social
Vendas
Redacção
Secretaria

18 DE JANEIRO DE 1934

LER ARTIGO NA PÁGINA 7

Um «fenómeno» chamado EUSÉBIO ...

LER ARTIGO NA PÁGINA 5

CRÓNICA DE LISBOA:

POSTAL ILUSTRADO COM A PENÚRIA

LER ARTIGO NA PÁGINA 3

O PETRÓLEO, UMA ARMA NA MÃO DOS PAÍSES ÁRABES

Ao longo da última guerra de resistência à agressão israelita, os países árabes, ricos em petróleo, decidiram realizar acções unidas e, pela primeira vez, atacar Israel e os seus partidários com a arma do petróleo.

Desde que esta nova forma de luta começou a ser utilizada, durante a recente guerra do Médio Oriente, têm vindo a surgir à luz do dia os interesses em jogo nesta zona do globo, a rivalidade e a divisão do campo imperialista e a crescente união e determinação do povo palestino e dos países árabes na sua luta comum anti-imperialista. É este o conjunto de questões que passamos a abordar, de modo a pôr em evidência a importância da nova arma usada em comum pelos povos árabes.

QUAIS OS INTERESSES EM JOGO NO MÉDIO ORIENTE?

Começamos pela Europa e o Japão. Estes dois blocos imperialistas de força intermédia são enormemente dependentes da exploração das matérias primas do chamado Terceiro Mundo, muito especialmente, do petróleo que é matéria prima estratégica de primeira importância, tanto no plano económico, como no plano militar. Isto porque, por um lado, toda a economia dos países capitalistas assenta ainda essencialmente sobre a energia petrolífera e produtos derivados (por exemplo: os adubos químicos, os óleos, as fibras sintéticas, os plásticos); e, por outro, ele é necessário à máquina de guerra imperialista. Ora, a Europa e o Japão recebem do Médio Oriente cerca de 80 por cento do petróleo de que têm necessidade.

Passemos agora às duas superpotências. Na sua rivalidade pela partilha do mundo, o controle desta zona do globo é de grande importância estratégica geral para cada uma delas, por várias razões. Esta zona possui dois terços das reservas mundiais de petróleo. Ela situa-se na confluência de três continentes — a Europa, a África e a Ásia — o que lhe dá uma importância fundamental, nos planos militar e político. Por último, e não é este o aspecto menos importante na época presente, para poderem dispor de um poderoso meio de pressão económica sobre a Europa e o Japão, é-lhes necessário controlar o petróleo árabe que abastece aqueles países.

Para além destes aspectos gerais, convém não esquecer os interesses particulares de cada uma das superpotências nesta zona. Quanto aos EUA, basta lembrarmos-nos, por um lado, que são os monopólios norte-americanos

(Esso, Texaco, Gulf Oil) que extraem e distribuem a maioria do petróleo árabe; e, por outro, que é o petróleo do Médio Oriente que abastece as operações militares dos americanos e dos seus lacaios no Sueste Asiático (Vietnam, Camboja, etc.). No que respeita à URSS, a sua economia, tal como a dos EUA, não depende muito do petróleo do Médio Oriente, mas este, pelo facto de estar relativamente à mão, permite-lhe realizar grandes lucros, ao aproveitar-se da sua «ajuda» económica e militar aos países árabes para conseguir comprar o petróleo a um preço quatro vezes inferior àquele a que o vai vender aos países europeus e outros. Por isso, ela papagueia as suas teorias sobre «o carácter internacional das riquezas do subsolo» para encobrir o seu desejo de ter, também ela, o direito a uma boa fatia do bolo...

Finalmente, nesta zona, ergue-se a força dos povos árabes e do povo palestino, com as suas justas aspirações à independência económica e política, as quais, desta vez, se manifestam com nova amplitude e determinação.

MEDIDAS IMPORTANTES

Sob que formas os países árabes utilizaram e utilizam a arma do petróleo?

Logo a seguir ao desencadeamento da última guerra, os países árabes tomaram três importantes decisões respeitantes à utilização comum da arma do petróleo. Estas medidas consistiram, em síntese, no aumento acentuado do seu preço (17 por cento), na redução da produção e no embargo do fornecimento aos EUA e a todos os países que apoiassem abertamente Israel.

Após a imposição de cessar-fogo pelas duas superpotências e a entrada na fase das negociações, a arma do petróleo continuou a ser brandida com a mesma determinação e unidade. Novas medidas foram tomadas para a sua utilização. Essas medidas consistiram num novo aumento do preço do petróleo acompanhado da diminuição da produção, assim como a utilização do chamado «embargo selectivo» o qual se aplica essencialmente aos países que, como Portugal, África do Sul e Rodésia, têm apoiado incondicionalmente Israel e o imperialismo americano.

Qual é, no seu conjunto, a importância e o significado destas medidas?

Já desde a Conferência dos Países Não-Alinhados que se vem a exprimir com clareza a necessidade de os países do Terceiro Mundo conquistarem e consolidarem a sua independência económica, sem a qual a indepen-

dência política é pura aparência, dado que o imperialismo continua a explorar, a seu belo prazer, as riquezas desses povos. E foi também sublinhada, nessa altura, a necessidade destes países se agruparem em organizações internacionais destinadas a defender os seus interesses económicos, face aos interesses dos monopólios imperialistas.

E agora os resultados da concretização desta ideia estão à vista. Com a acumulação das medidas tomadas pelos países árabes em relação à «arma do petróleo», eles conseguiram agravar a divisão no campo imperialista inimigo e, ainda mais, neutralizar alguns dos seus sectores. Foi esta política dos países árabes que obrigou a Europa e o Japão, ao tentarem a todo o custo resolver o problema vital do seu abastecimento em petróleo, a não se quererem comprometer abertamente com o imperialismo norte-americano, na defesa de Israel. Chegaram a opor-se a ele, nomeadamente, quando os países da Europa Ocidental, incluindo os próprios fascistas espanhóis e gregos, proibiram os navios e aviões americanos carregados de material de guerra para Israel de circular nos seus territórios (o que, se não fosse a «pronta ajuda» do governo de Caetano, tinha criado grandes dificuldades aos sionistas!).

A IMPORTÂNCIA DA NOVA FORMA DE LUTA

O facto de os países árabes e outros países do Terceiro Mundo estarem, agora, a utilizar novas formas de união e de luta contra o imperialismo, que o atingem nos seus fundamentos económicos — nos seus pés de barro — é bastante positivo e revela, claramente, o desenvolvimento irreversível da sua força.

As «armas económicas», como o petróleo, vêm atacar a própria base do neocolonialismo, que não é mais do que uma aparente independência política dos povos do Terceiro Mundo, assente numa efectiva dependência económica. Os países imperialistas vêem-se, assim, ameaçados nas suas bases, vêm estreitar-se o terreno da sua exploração desenfreada e tendem a aumentar a sua divisão e rivalidade.

Apesar dos recuos e compromissos realizados pelos Sadates, Faiais e outros, apesar das ilusões que restam sobre o social-imperialismo russo (socialismo em palavras, imperialismo nos factos), os povos árabes estão fazendo a aprendizagem, na prática, da importância da sua luta unida e das novas formas de luta que a utilização da «arma do petróleo» permite.

INGLATERRA

A LIBRA CONTINUA A DESVALORIZAR-SE

Com o agravamento da crise de energia e a deterioração da situação financeira e económica da Grã-Bretanha, a libra, já enfraquecida, tem continuado a desvalorizar-se. No dia 11 de Dezembro, esta moeda atingiu o nível mais baixo de sempre (2,3070 dólares por libra). De há um ano a esta parte, a libra desceu 20 por cento em relação às outras principais moedas capitalistas.

Os preços têm subido vertigi-

nosamente: matérias primas — mais 44 por cento em Novembro deste ano do que no mesmo mês do ano passado; géneros alimentícios frescos — mais 36,8 por cento também num ano.

A balança comercial (diferença entre as exportações e as importações comerciais) está cada vez mais deficitária, tendo-se registado, em Outubro, o maior saldo negativo de sempre: 298 milhões de libras.

GREVE DOS FERROVIÁRIOS E DOS MINEIROS

A 12 de Dezembro, 29 mil ferroviários britânicos iniciaram, uma greve parcial reclamando um aumento de salários que lhes permitia fazer face à alta dos preços. A greve diz respeito ao trabalho a horas extraordinárias, nos feriados e nos fins de semana, sendo acompanhada nos outros dias pela chamada greve da «cêra».

Em consequência desta luta, o transporte de carvão para as diversas indústrias do país sofreu graves alterações. Ao mesmo tempo, continuava a greve às horas extraordinárias, iniciada pelos 270 mil mineiros britânicos a 12

de Novembro, isto é, um mês antes.

Os trabalhadores ingleses procuram, assim, em greves coordenadas e sucessivas, defender-se, unidos, contra a crescente crise económica com que se debate a Inglaterra, nomeadamente por causa da penúria do petróleo. É claro que o governo inglês faz recair as consequências da crise sobre o povo, procurando dividi-lo, e, deste modo, aproveitou a greve nos transportes e no carvão para reduzir a metade a iluminação nos escritórios, lojas, restaurantes e outros locais públicos, a partir de 13 de Dezembro.

PALESTINA

CONSPIRAÇÃO CONTRA O POVO PALESTINO

A acção terrorista, efectuada no dia 17 de Dezembro, por um pretenso «comando palestino», no aeroporto de Roma, só pode ser considerada pelos trabalhadores como uma conspiração contra a causa palestina.

A Organização de Libertação

VIETNAM

Patriotas destroem reservas de petróleo

No dia 3 de Dezembro, em Mha Bé, perto de Saigão, patriotas vietnamitas fizeram explodir as instalações petrolíferas da companhia Shell, onde estavam armazenadas aproximadamente metade das reservas do regime fantoche do general Van Thieu.

Esta audaciosa acção, realizada em plena região ainda sob o domínio de Thieu, é mais um sinal da revolta do povo desta região contra o general e o seu regime de fantoches do imperialismo norte-americano no Vietnam.

da Palestina (O L P) condenou prontamente este acto: «A revolução palestina (...) reafirma que nunca poderia ter sido um combatente palestino a levar a cabo tal acto» ... «estes actos são fundamentalmente opostos aos interesses do povo palestino e só servem, em última análise, as conspirações do inimigo contra o nosso povo».

Esta acção foi efectuada por um grupo suspeito que se faz passar por defensor do povo da Palestina, para melhor prejudicar a sua justa causa. É de notar que os meios de informação burgueses se apressaram a aproveitar este facto, usando-o para reforçar a sua campanha de intoxicação racista contra os emigrados, em geral, e os trabalhadores árabes, em particular.

BULGÁRIA

O CINEMA BURGUESES FAZ LEI

Ainda não há muito tempo, vários jornais dos diversos países capitalistas anunciavam o resultado de um inquérito feito entre o público búlgaro sobre as suas preferências cinematográficas. Como actriz de cinema «mais popular», aparecia Sofia Loren seguida, em ordem decrescente de votos, por Elisabeth Taylor e, em terceiro lugar, por Brigitte Bardot. Quanto aos actores, Louis de Funès, o Solnado francês, é o mais apreciado. Para os realizadores, o resultado do inquérito indica o ultra-decadente Fellini como o mais cotado.

Eis, pois, a confissão clara de que o cinema produzido pelo grande capitalismo internacional e de que estas «vedetas» são a máxima expressão, impera num país que foi outrora baluarte de uma cultura do povo e verdadeiramente ao seu serviço. Eis, pois, um triste aspecto da cultura que é fomentada pela nova burguesia búlgara que, em meados dos anos 50 e sob a batuta dos novos czars russos, arrancou o poder aos trabalhadores e restaurou o capitalismo.

FRANÇA

GREVE NAS FÁBRICAS DE CIMENTO

Desde o dia 23 de Novembro que os operários de cerca de 80 por cento das fábricas de cimento se puseram em greve para satisfazer as seguintes reivindicações: garantia de emprego, isto é, garantia de que a modernização das fábricas não leve a despedimentos em massa; 1400 F de salário-base por 40 horas de trabalho por semana; melhoramento das condições de trabalho e, finalmente, obtenção da reforma aos 60 anos. Esta greve levou a que a falta de cimento fizesse parar muitas obras, na construção civil.

O patronato dos cimentos, que faz lucros fabulosos (note-se que a maior empresa de cimentos francesa, a Lafarge, controla toda a indústria de cimento no Ca-

nadá e que, ainda há bem pouco tempo aumentou o preço do cimento de 4,6 por cento), não quer, de modo nenhum, ceder às

exigências do operariado e tenta, por todos os meios, dividir os operários das fábricas de cimento e os operários da construção civil que são, numa grande parte, trabalhadores emigrados.

Face a isto os operários da construção civil responderam com firmeza exigindo o pagamento dos dias em que não puderam trabalhar devido à falta de cimento, multiplicando as reuniões com os grevistas das fábricas de cimento fazendo, mesmo, até ao momento, duas manifestações conjuntas, em Marselha e Montpellier.

CAMBODJA

GRANDES VITÓRIAS DAS FORÇAS POPULARES

Um comunicado das forças armadas populares de libertação nacional do Camboja (FAP LNC), publicado a 11 de Dezembro, em Pequim, informa que, no mês de Novembro, foram mortos, feridos ou presos mais de 14 000 soldados da clique fantoche de Lon Nol e recuperadas mais de 4000 armas, entre as quais 6 canhões e 40 morteiros. Além disso, mais de 4000 soldados dessa clique passaram-se para o lado das FAP LNC.

As forças populares dominam

agora a quase totalidade do território do Camboja, faltando apenas conquistar a capital e algumas cidades para expulsarem definitivamente do país Lon Nol e a sua corte de criados do imperialismo norte-americano. Ainda a 30 de Novembro, as FAP LNC conquistaram a cidade de Vihear Suor, situada apenas a 18 kms da capital.

A guerra de libertação nacional do povo cambojano caminha a passos largos para a vitória sobre o imperialismo e os seus representantes no país.

Assina «O Salto»

CAETANO RENOVA A SUA MÁQUINA DE OPRESSÃO DO POVO

Após a farsa «eleitoral», e como é hábito, a ditadura fascista procedeu a uma remodelação ministerial.

A remodelação cifrou-se na exoneração e nomeação de cinco novos ministros e em duas transferências de ministros para novos postos.

Deste vaivém, salienta-se a exoneração do ministro do Interior, Gonçalves Rapazote, que, desmascarado, desacreditado e odiado por largos sectores da população, é substituído por Moreira Baptista o qual vinha ocupando o cargo de difusor oficial das mentiras e calúnias fascistas, enquanto secretário de Estado de Informação e Turismo. Para este último posto, foi nomeado o Pedro Pinto que, nos últimos anos, tem sido o representante caetanista em Paris (ver o nosso artigo intitulado «O Antigo Cônsul em Paris Arranjou Outro Tacho»).

Por outro lado, assiste-se à nomeação de Silva Cunha como novo ministro da Defesa caetanista e que tem as particularidades

de ser um civil, íntimo colaborador de Caetano, e de deixar o cargo de ministro das Colónias. Dadas as contradições visíveis que a crise aberta da dominação colonialista portuguesa em África tem provocado nas próprias hostes do fascismo.

Caetano exonera o generalote Sá Viana Rebelo do ministério encarregado de conduzir as guerras e cede-o a um velho salazarista, conhecedor da grave crise colonialista, e que o manterá informado dos golpes e conspirações palacianas dos generais nazis descontentes. Mas, para que o Estado-Maior não se veja demasiado arredado do governo, Caetano separou novamente as pastas da Defesa e do Exército, cedendo esta última ao general Andrade e Silva. Assim, Sá Viana Rebelo tem dois substitutos.

Como novo ministro das Colónias, Caetano foi buscar Rebelo de Sousa que, até aqui, ocupava o cargo de ministro das Corporações e Previdência Social e da Saúde e Assistência. Aliás, como de assistência só tinha o nome,

julgou por bem a ditadura passar a classificar este último ministério de simplesmente Ministério da Saúde eliminando-lhe a «assistência». Para ministro da Saúde, Caetano nomeou um «especialista» no assunto — Clemente Rogeiro que, formado em Direito, se licenciou com uma dissertação intitulada «Sobre a Simulação em Direito Fiscal». Este novo simulador dos impostos que deveriam ser empregues na saúde pública vinha ultimamente ocupando o cargo de presidente da Emissora Nacional fascista.

Em suma, esta remodelação de alguns ministérios caetanistas em nada vem alterar, naturalmente, as coordenadas gerais da política interna, colonial e internacional do regime. Ela visa readaptar a máquina de domínio da grande burguesia fascista à situação de crise aberta do capitalismo e do colonialismo, de recrudescimento das lutas populares e de vitórias decisivas dos povos da Guiné (Bissau), Angola e Moçambique sobre os seus inimigos, nas frentes de guerra.

TEMOS DIREITO A FICAR!

Continuação da p. 1

a mesma duração. Esta medida poderá trazer dificuldades aos trabalhadores que não conseguem renovar o seu contrato de trabalho, pois poderá acarretar a caducidade da carta de trabalho e, automaticamente, a da carta de estadia.

3. Para a obtenção das cartas, é necessário um certificado de alojamento assinado pelo patrão. Isto quer dizer que o patrão é responsável pelo nosso alojamento. Ele poderá fazer o que quiser: controlar a nossa vida, enviar-nos para os seus «foyers», autênticas casernas, impedindo também a vinda de nossas famílias.

4. O pedido de regularização ou renovação das cartas é feito num único sítio: a Prefeitura ou Comissariado de polícia. Se o controle policial sobre nós já era notável, com esta «inovação» ele irá certamente reforçar-se.

Como se pode ver destes quatro pontos fundamentais, a nova circular vem criar-nos novas dificuldades para as quais precisamos de estar preparados e saber-mos defender-nos. (Ver neste número a secção «Um Trabalhador Prevenido Vale por Dois»).

prego e fecham as fábricas, e os primeiros a pagar são os trabalhadores emigrados. Na Alemanha, o governo proibiu, a partir do dia 23 de Novembro, a entrada de emigrantes, o mesmo acontecendo na Holanda e na Dinamarca (a este propósito ver o nosso artigo sobre a Alemanha). Em França, o ministro do Trabalho declarou, muito recentemente, que «os trabalhadores estrangeiros constituem, daqui em diante, um problema maior para todos os países (...); se a crise do petróleo não se resolve, num prazo razoável, poderemos conhecer dificuldades no domínio do emprego». Por último, o sindicato amarelo criado pela polícia americana CIA, Force Ouvrière (Força Operária), declarou a 11 de Dezembro: «o número actual de 1 milhão e 700 mil trabalhadores emigrados não deverá ser ultrapassado, neste momento e em nenhum caso».

A crise crescente do sistema capitalista é, pois, a razão desta lei de «controle» da emigração.

ONTEM COMO HOJE

Já em 1930, quando da grande crise por que passou o mundo capitalista antes da última guerra mundial, a burguesia francesa pôs em prática leis do tipo da Circular Fontanet-Marcelin, que apresentava como remédio milagroso para o crescente desemprego existente. Em 1932, foi posto fora de França grande quantidade de trabalhadores emigrados, sendo o número de desempregados, na altura, de 273 mil. Mas o remédio milagroso não deu resultado. Seis anos mais tarde, o número de desempregados era cerca de 400 mil!

Nessa altura, também o governo, o patronato e os sindicatos que fazem o jogo deles, (sindicatos amarelos) tentam justificar o desemprego com a emigração, para dividir os trabalhadores e esconder as responsabilidades que o capitalismo tem no aparecimento de milhões de desempre-

gados, no aumento dos preços, no agravamento das condições de vida. No entanto, o sindicato vermelho, que defendia verdadeiramente os interesses dos trabalhadores, soube opor-se a estas mentiras, combater firmemente essas leis e unir as largas massas de trabalhadores franceses e emigrados numa luta comum contra o racismo e contra todas as armas que os patrões procuravam usar para prejudicar uma parte da classe operária em França — os trabalhadores emigrados.

Ontem como hoje, os sindicatos deveriam fazer o mesmo. Contudo as suas direcções, que repetidas vezes tem traído as lutas da classe operária, não defendem, hoje, convenientemente os nossos direitos nem respondem a estas investidas da burguesia. Porém, só o conjunto da classe operária de França (emigrantes e franceses) poderá fazer recuar o capital e as suas medidas repressivas. Se as direcções sindicais não contribuem para tal ou sabotam a unidade, é nosso dever desmascará-las e lutar com todos os que, na prática, mostram defender a causa dos trabalhadores.

CRÓNICA DE LISBOA:

POSTAL ILUSTRADO COM A PENÚRIA

Para os que não vieram passar as férias a Portugal, nesta altura do ano, aqui vai este «postal ilustrado».

O que mais chama a atenção cá pela capital é a quantidade enorme de «bichas» para tudo e mais alguma coisa. Nos transportes públicos, se já as havia, elas agora são muito maiores e, se os atrasos eram grandes, agora nem se fala. Nos supermercados, para além da subida constante dos preços, faz-se sentir a falta de géneros alimentícios e, muito principalmente, do leite, o qual, se já havia pouco, então agora estamos na penúria.

Quando a crise do petróleo começou a afectar os países capitalistas, a nossa posição já não era famosa e tornou-se ainda pior. As empresas capitalistas que dependem do petróleo do Médio Oriente (82 por cento do petróleo vem dos países árabes) começaram logo a dizer que iriam aumentar os preços e que não haveria gasolina nem sabão. Isto levou a que a população, prevendo o pior, se lançasse a comprar e a armazenar o mais que podia. Evidentemente que os comerciantes especuladores não perderam pela demora e encheram as suas arcas, com vista a provocar uma escassez ainda maior para depois virem pedir o preço que muito bem lhes apetece. Só um pequeno exemplo: uma vizinha minha diz que comprou um grande saco de detergente, e isto por especial favor do comerciante, por 80\$00 quando o seu preço normal é de 58\$00.

Para o bacalhau que, segundo eu saiba, nada tem a ver com o petróleo, passa-se o mesmo. No mercado só se encontram línguas e a um preço de se lhe tirar o chapéu.

Com a gasolina, são intermináveis as «bichas» junto dos postos abastecedores, aproveitando a polícia para aplicar umas multas àqueles que saem dos automóveis enquanto esperam pela sua vez. Para o azeite o problema é o mesmo, só lhe podem chegar os ricos.

No entanto, o ministro da Economia agora arranhou umas mananças para tentar acalmar os ânimos da população que, no geral, se já não andava contente, agora anda mesmo muito descontente. Assim, a partir de agora, o Ministério da Economia dá todas as semanas uma conferência de imprensa para, dizem eles, «permitir o diálogo com os órgãos de informação». Mas que democratas, estes senhores!

No primeiro «diálogo» que houve, os porta-vozes do dito Ministério disseram, em resumo: não é caso para preocupações, haverá bacalhau para todos, sabão com fatura, azeite nem se fala e quanto a gasolina é só «fechar as bombas aos fins de semana e reduzir as velocidades» para que o problema esteja resolvido. E mais ... que essa coisa dos automobilistas andarem a correr para se absterem «só demonstra falta de civismo»...!

Mas, camaradas, eu não queria era deixar terminar este postal ilustrado, com a penúria que por cá vai, sem deixar de referir a última representação do longo folhetim da rádio e televisão representado pelo já conhecido palhaço do capital e chefe da ditadura, Marcelo Caetano, com o título «Conversas em Família».

Desta vez, o Marcelo não apareceu com aquele seu à-vontade do costume. O sorriso habitual foi muito amarelo e pelo tom de voz que empregou, vê-se mesmo que o tempo das vacas gordas já passou. Talvez sejam efeitos das constantes derrotas que tem sofrido nos últimos tempos. A independência da Guiné, o fiasco «eleitoral» e, agora, o boicote de petróleo a agravar a subida dos preços e a grande falta de tudo... E foi sobre este assunto, como não podia deixar de ser, que o Caetano se referiu na sua «conversa».

Começou por tentar dar uma explicação sobre as causas do boicote. Disse que tudo se devia ao facto de os países árabes serem uns «egoístas», uns mal agradecidos, pois as companhias, que tanto dinheiro têm investido naquelas regiões «miseráveis» e tanto dinheiro têm dado a ganhar àqueles países e aos seus povos, vêem-se agora privadas do petróleo ou, então, terão que o comprar a preços mais elevados.

Tal como os povos árabes, diz o fascista Caetano, também o povo português é de um «egoísmo estúpido» por correr a comprar géneros e gasolina... Mas, ele vai mais longe. Querem ver: «Já anda muita gente aflita porque os preços vão subir. Oh senhores, bem basta o que basta! Mas se todos começam a proceder como se tudo estivesse mesmo a subir, então não há governo, nem forças humanas que travem a alta. A alta e a escassez.»

Caetano tentou, pois, vir convencer-nos de que o boicote era devido ao facto dos árabes quererem lançar os países capitalistas no caos, mas «esqueceu-se» de dizer que o seu governo anti-popular foi um dos maiores cúmplices de Israel na guerra que moveu recentemente contra os países árabes, facilitando aos imperialistas americanos tudo e mais alguma coisa para que o seu arsenal de guerra pudesse estar, a tempo e horas, na frente de batalha. «Esqueceu-se» também de dizer que as tais companhias têm arrecadado lucros fabulosos à custa da exploração do petróleo e dos trabalhadores daquela região do globo. E, depois, nós, povo, é que somos egoístas... Os capita-

Continua na p. 4

A ACTUAL CRISE E AS LEIS DE EMIGRAÇÃO

A Europa capitalista atravessa hoje uma grave crise. As indústrias que, até aqui, viviam do petróleo que os grandes monopólios compravam ao preço da chuva, no Médio Oriente, vêem-se, hoje, a braços com a falta de carburante. Além disso, há a crescente crise da alta dos preços e das desvalorizações das moedas que não cessa de criar problemas aos capitalistas e seus governos. Deste modo, as grandes empresas e a alta finança, vendo os seus lucros diminuírem, pretendem que os trabalhadores venham pagar a crise de que eles próprios são os verdadeiros culpados: aumentam os preços de uma maneira assustadora, provocam racionamentos de tudo e mais alguma coisa, fazem aumentar o desem-



Dezenas de pessoas fazem bicha para o bacalhau.

No jardim à beira-mar plantado...

OS TRABALHADORES PAGAM
COM O DESEMPREGO
AS MANOBRAS CAPITALISTAS

Despedimentos arbitrários têm continuado a lançar para o desemprego dezenas de trabalhadores.

A Empresa Insulana de Navegação, cuja fusão com a Companhia Colonial de Navegação é eminente, acaba de anunciar a 27 trabalhadores o seu despedimento colectivo, os quais pagam assim o processo de integração dos dois monopólios.

Por outro lado, a Sociedade Industrial Setubalense, Lda. lançou para o desemprego todo o seu pessoal, que totaliza 124 trabalhadores. Segundo a própria empresa, este despedimento é de-

vido igualmente ao interesse dos seus proprietários em fundir capitais com outras empresas de lotaria e litografia.

A Empresa Têxtil Sitenor, de Matosinhos, pertencente ao grupo CUF, despediu, há pouco tempo, cerca de 230 operários, apresentando como justificação deste procedimento o preço elevado da juta no mercado internacional e a reconversão dos seus processos de produção.

Acompanhando o arbítrio do despedimento, esta empresa negou-se ainda a pagar os subsídios de férias a que tinham direito os operários.

A CULPA
É DA BURGUESIA

Um incêndio destruiu por completo, recentemente, 70 barracas de madeira que em Mosca- vide albergavam dezenas de famílias de trabalhadores.

O incêndio foi causado pela queda dum candeeiro de petróleo e devastou, em algumas horas, a maior parte dos bens das famílias operárias, obrigadas, pela política habitacional capitalista e pelos salários de miséria que auferem, a habitar naquelas miseráveis barracas de madeira.

A imprensa diária, nas reportagens que inseriu sobre o incêndio, foi unânime em afirmar que, em habitações com um mínimo de segurança, a catástrofe não se teria produzido.

KISSINGER
EM PORTUGAL:
O IMPERIALISMO
REFORÇA
A SUA UNIDADE
COM O FASCISMO

Visitou Portugal muito recentemente Henry Kissinger, um dos principais responsáveis pela política imperialista dos Estados Unidos e fiel ajudante de Nixon.

Para além de todas as conversações secretas sob os mais variados temas, as agências noticiosas afirmam que Kissinger foi visitar Caetano para tratar das bases dos Açores, da venda de armas mais modernas para o exército colonial-fascista e «exprimir o seu profundo agradecimento pela ajuda fornecida aos Estados Unidos na recente crise do Médio-Orientes».

Sem dúvida alguma que a recente agressão sionista aos povos árabes, veio mostrar, mais uma vez, a íntima ligação existente entre o governo fascista de Caetano e o imperialismo americano. Pelas Lages, nos Açores, os imperialistas americanos fizeram passar 1500 aviões gigantes transportando grandes quantidades de armamento e alimentos para as tropas sionistas.

O governo de Caetano é um dos peões mais fiéis do sistema americano de pilhagem e opressão dos povos, um dos primeiros aliados no bloco opressivo da NATO, e, com a sua dominação sobre os povos das colónias, uma garantia para a exploração desenfreada que o grande capital americano faz nessas regiões.

Esta visita não é mais do que o reforço da unidade entre inimigos dos povos para combater as suas justas aspirações.

OS PATRÕES
NÃO CUMPREM
OS CCT ASSINADOS

Algumas das empresas têxteis de Fafe continuam a não pagar os 6 por cento de aumento aos operários, como é previsto pelo Contrato Colectivo de Trabalho que entrou em vigor em Janeiro de 1973.

Os patrões de algumas destas fábricas e douras situadas em Guimarães, Riba d'Ave e Famalicão, continuam igualmente a privar os operários da meia hora de descanso e refeição a que têm direito, segundo o mesmo CCT.

33 ANTIFASCISTAS
PRESOS

É de 33 o número de antifascistas presos pela criminosa PIDE-DGS no prosseguimento da acção repressiva contra a organização de tendência anarquista e terrorista, denominada Liga de Unidade e Acção Revolucionária (LUAR).

Segundo dois recentes comunicados da PIDE-DGS, estas prisões iniciaram-se há semanas, em Espanha, quando um dos grupos da referida organização tentava atravessar a fronteira portuguesa. Mais tarde, a polícia prendeu mais 6 antifascistas, entre os quais Palma Inácio, na Avenida duque d'Ávila, quando segundo a PIDE, se preparava para entrar em acção. Finalmente, foram presos mais de vinte outros antifascistas, alguns dos quais recentemente perseguidos pela PIDE por terem participado no grupo GEDOC e na manifestação anticolonialista da Capela do Rato, em 31 de Dezembro do ano passado.

SALÁRIOS DE MISÉRIA

Segundo as «Estatísticas da Construção e Habitação» (1972) recentemente publicadas, os salários médios por hora são os seguintes: operários qualificados 14,70, operários não qualificados 10,90 e aprendizes 6,80.

Se tivermos em conta que isto são estatísticas oficiais e cozinhadas a belo prazer do patronato, chegaremos à conclusão que, na realidade, ainda serão mais baixos. Resta-nos só acrescentar que, segundo a mesma fonte, os arquitectos e engenheiros ganham, média, 94,60 por hora e os capatazes ou encarregados, na maioria cães de guarda do patrão, 23,30.

Como em todo o sistema capitalista, na construção, os lucros são fabulosos e os salários de miséria.

A POLÍCIA PRESENTE
NUMA REUNIÃO
DE BANCÁRIOS

Numa sessão da Assembleia Geral extraordinária do «Sindicato Nacional» dos Bancários, realizada no passado dia 8 de Novembro, esteve presente, assistindo aos debates dos associados, um esbirro da polícia fascista «em representação do Governador Civil de Lisboa».

A Assembleia Geral extraordinária, que se realizava nas instalações de «A Voz do Operário», debatia diferendos vários surgidos entre associados e a direcção reformista do «sindicato». O carácter do debate atraía, como é evidente, o fascismo que logrou impor um pide fardado como seu representante oficial na sala.

Por outro lado, as instalações estavam cercadas pelas forças repressivas do fascismo, numa visível manobra de intimidação e provocação. Este aparato repressivo demonstra uma vez mais as limitações do sindicalismo legal em Portugal, limitações de que o reformismo se aproveita para desenvolver a sua actividade de renúncia à defesa dos interesses mais amplos dos trabalhadores e limitar a acção reivindicativa das massas.

BANCO ALEMÃO:
UMA SANGUESSUGA
DO NOSSO POVO

O director do Deutsch Bank AG (Banco Alemão) esteve muito recentemente em Lisboa, à frente de uma delegação de funcionários encarregados das negociações em Portugal e Espanha. Se tivermos em conta que um terço das transacções operadas entre os dois países são feitas através daquele organismo da alta finança alemã e que os investimentos directos alemães em Portugal, desde fins de 1970 até meados de 1973, se cifram em 1 milhão e 793 mil contos, facilmente podemos avaliar que este «tubarão» não veio a Portugal apenas para dar um mergulho nas águas quentes do Algarve.

Segundo os comentários da imprensa fascista, o referido director teria ficado bastante optimista depois das suas conversações com o ministro da Economia. Outra coisa não seria de esperar pois a ditadura fascista de Caetano dá todas as garantias aos capitalistas estrangeiros que decidem explorar os trabalhadores de Portugal.

LEIRIA:
CASAS SÓ PARA RICOS

Em todo o país e nos últimos anos, as rendas de casa tem aumentado assustadoramente. Entre Julho de 1971 e Julho de 1972, as rendas subiram de 16 por cento em Lisboa, 20 por cento no Porto e 28 por cento em Coimbra. Em Leiria, onde o desenvolvimento capitalista se tem feito sentir ultimamente em grandes proporções e já deu origem à formação de uma verdadeira cintura industrial (fazendo crescer muito rapidamente a população operária daquela cidade), a imprensa fascista não esconde os imensos problemas daquela população, no capítulo habitacional. Assim, na parte nova da cidade, as casas ou não as há ou, então, as rendas atingem valores da ordem dos 4 mil escudos por mês.

CONTRA A REPRESSÃO FASCISTA

Um balanço da repressão fascista de Caetano nos anos de 1970, 1971 e 1972, recentemente publicado, faz eco da prisão pela criminosa Pide de mais de 500 pessoas, naquele período. Eis o quadro que a ilustra:

1970 1971 1972

1. Prisões efectuadas durante o ano	165	216	202
2. Presos libertados sem ou antes do julgamento	132	104	132
3. Presos libertados após julgamento	63	56	86
3.1- Por absolvição	9	29	8
3.2- Com pena suspensa ou remível	-	-	30
3.3- Após cumprimento das penas ou das medidas de segurança	48	27	47
3.3.1 - Dos quais em liberdade condicional	22	15	4
3.4- Aguardando recurso	1	-	1
4. Presos aguardando julgamento em 31 de Dezembro	19	76	56
5. Presos em cumprimento das penas ou das medidas de segurança em 31 de Dezembro	60	56	60
5.1- Situação em que já se encontravam em 31 de Dezembro do ano anterior	-	43	26
5.2- A que foram condenados durante o ano	-	16	34
6. Total dos presos políticos em 31 de Dezembro	79	135	119
7. Número de pessoas julgadas	-	-	96
7.1- Condenadas	-	-	43
7.2- Condenadas, mas com pena remível a multa	-	-	29
7.3- Condenadas, mas com pena suspensa	-	-	11
7.4- Absolvidas	-	-	13

Há a salientar que os tribunais caetanistas condenaram os 96 antifascistas «julgados» no passado ano a penas que atingem, na sua totalidade, 152 anos, 7 meses e 20 dias de prisão.

Os trabalhadores emigrados, embora nas duras condições que a ditadura caetanista impõe aos revolucionários, aos progressistas e democratas que lutam igualmente por um Portugal, donde não precisemos de emigrar, devem denunciar junto da opinião pública internacional os crimes caetanistas e, por todos os meios, se solidarizarem com as vítimas da repressão.

E por este motivo que *O Salto* se solidariza com a campanha ultimamente lançada, na emigração, pelo Socorro Vermelho Português (SVP) que, prosseguindo no seu trabalho específico de denúncia dos crimes colonial-fascistas, tem vindo a recolher donativos dos trabalhadores portugueses emigrados e dos antifascistas e anticolonialistas estrangeiros para suavizar os sofrimentos das vítimas da repressão caetanista. A unidade do povo em torno dos seus combatentes avançados faz das prisões, das torturas e dos «julgamentos» caetanistas tigres de papel que, terríveis na aparência, estão antecipadamente vencidos.

Diz o comunicado do SVP que serve a referida campanha de recolha de donativos:

Há quarenta e sete anos que o povo português vive oprimido pela bárbara ditadura fascista, a mais velha ditadura fascista do mundo.

Há quarenta e sete anos que o povo português luta contra a opressão e a miséria atroz e as organizações democráticas lutam nas mais difíceis condições de clandestinidade. Muitos são os militantes antifascistas que, neste momento, se encontram nas masmorras do inimigo, sujeitos às odiosas torturas da PIDE.

Com o Marcelo Caetano, o fascismo português procurou vestir-se de «liberal». A demagogia marcelista chegou a apregoar a extinção da macabra Polícia Internacional de Defesa do Estado (PIDE), passando a chamar-lhe «DGS», máquina repressiva mais modernizada e actualizada.

Porém, perante o crescente desenvolvimento da luta popular em Portugal e perante as grandes vitórias alcançadas pelos povos das colónias, o governo vê-se forçado a retirar a sua máscara liberal e intensifica ainda mais a sua tenebrosa campanha repressiva. E movida uma feroz perseguição a centenas e centenas de antifascistas e anticolonialistas, que são lançados nas prisões políticas e submetidos a sádicas torturas. As famílias destes combatentes, irmãos de todos aqueles que, no mundo inteiro, verdadeiramente lutam contra o colonialismo, o fascismo e a agressão imperialista, encontram-se, por sua vez, sujeitos ao arbítrio e à discriminação sistemática da odiosa ditadura, lutando com dificuldades de toda a espécie para angariarem meios de subsistência.

Impõe-se, por isso, e nomeadamente, nesta época em que o Ano Novo se aproxima, criar em torno destes companheiros e seus familiares, uma grande campanha de solidariedade.

Pedimos, desta forma, o teu auxílio. O teu, o nosso, o auxílio de muitos de nós, poderá certamente contribuir para atenuar os sofrimentos de tantos filhos do povo, encarcerados nas masmorras dos carrascos fascistas, pela única razão de terem lutado contra a opressão e a miséria que a ditadura nos impõe.

Os leitores que queiram participar nesta campanha e não tenham outro meio de o fazer podem enviar os seus donativos para a conta de cheques postais de *O Salto*, com a indicação:

CCP - *O Salto* - 562 685 PARIS
(Escrever no talão SVP)

Postal ilustrado com a penúria

Continuação da p. 3

listas não podem perder dinheiro, o governo pode ser um pião do imperialismo americano, pode continuar a criminosa guerra colonial e o povo tem que aceitar tudo isto, tem que deixar de comer, tem que pagar a bom preço os géneros, a gasolina, etc., etc. Que pena o Caetano estar a falar de S. Bento e não ali no café onde eu estava a assistir... Pois, desta vez, e talvez mais do que nunca, o seu desprezo pelo povo e as humilhações que lhe procura infligir, lhe tinham valido um julgamento popular que o levaria para os anjinhos.

Já vai longo o postal. Por hoje, é tudo, de Lisboa sob o signo do descontentamento.

O vosso amigo e correspondente

A.M.

lê SEARA VERMELHA

Pedidos a
PROLIBRIS
BP 198
75 864 PARIS Cedex 18
CCP 32 625 54 LA SOURCE

a farsa «eleitoral»

RESCALDO DAS ELEIÇÕES

Que se alegrem os trabalhadores

A última corrida à Assembleia Nacional caetanista teve o mérito de favorecer o confronto na prática das duas vias que se colocam ante o movimento popular em Portugal.

Por um lado, a via da Revolução democrático-popular, a via da conquista do poder de Estado pelos operários e camponeses; por outro lado, a via da democracia burguesa, das reformas capitalistas. Por um lado, a via da luta armada popular pelo derrubamento da ditadura e pela instauração da república popular; por outro lado, a via da eleitoralismo que visa substituir o poder de Estado dos burgueses fascistas pelo poder de Estado dos burgueses «democráticos». Por um lado, a via da união de aço dos operários e camponeses em torno da bandeira revolucionária da Liberdade, da Paz, do Pão, da Terra e da Independência; por outro lado, o eterno caminho da santa «unidade de todos os portugueses honrados», onde os interesses das largas massas exploradas são atraídos e submetidos aos interesses da burguesia opositora. Enfim, por um lado, coloca-se a via da destruição do fascismo acompanhada por um golpe mortal no capitalismo, por outro lado, a via da «democratização do fascismo» e da manutenção e reforço do capitalismo.

UMA GRANDE CAMPANHA DE MASSAS

Durante a farsa «eleitoral», as vozes da Revolução operária e camponesa denunciaram constantemente o conluio de fascistas e reformistas e puseram a nu os seus objectivos reacçãoários. Elas fizeram ouvir a justa posição de boicote à farsa, propagandeando simultaneamente a via da insurreição popular armada como o único caminho para o derrubamento do fascismo e a instauração do poder político dos trabalhadores.

Esta actividade revolucionária atingiu uma envergadura notável que faz de si a maior campanha de luta de massas antifascista e anti-reformista desencadeada nos últimos dez anos, em Portugal. De facto, de norte a sul do país, as Comissões Anti-Eleitorais (CAEs) e outras organizações anti-eleitoralistas levaram junto dos trabalhadores a linha política democrático-popular, mobilizando-os para a luta contra a farsa «eleitoral» do fascismo e as manobras dos reformistas.

Apesar dos reformistas actuarem na legalidade, sob os olhos compreensivos da ditadura caetanista, e, naturalmente, as organizações revolucionárias trabalharem na mais rigorosa clandestinidade, os fascistas e opositoristas burgueses não conseguiram evitar que, nas próprias sedes e sessões das CDEs, a propaganda e agitação anti-eleitoral estivesse presente e subtraísse muitos antifascistas à influência do eleitoralismo. Evidentemente, sempre que panfletos ou tarjetas anti-eleitorais apareciam nos locais da oposição burguesa, os srs. doutores candidatos esqueciam todas as suas lições de democracia e não hesitavam em proferir as mais abjectas provocações e calúnias, chegando a afirmar que as forças anti-eleitorais eram animadas pela Pide. Mas, estes pro-

cessos, que os classificam como autênticos social-fascistas (socialistas nas palavras e fascistas nos actos), não amedrontaram os revolucionários que sabiam bem poder contar com a simpatia de largas camadas de trabalhadores.

A MANIFESTAÇÃO DO 12 DE OUTUBRO

Como é do conhecimento geral, a campanha de massas anti-eleitoralista tem o seu ponto alto no dia 12 de Outubro, com a realização, em Lisboa, de manifestações de rua. Lutando com as compreensíveis dificuldades de informação, *O Salto*, no seu número anterior, cometeu alguns erros de precisão na cobertura que realizou desta importante jornada de luta. Assim, ao contrário do que foi afirmado, na manifestação convocada para as 18h e 30 do dia 12, no Rossio, pelas Comissões Anti-Eleitorais (CAEs), Comitês de Luta Anti-Colonial e Anti-imperialista (CLACs «Vencerão!»), Comissões Pró-União dos Estudantes Portugueses (CP-UEPs) e pelo Partido Comunista de Portugal (marxista-leninista) — PCP(m-l) —, chegou a formar-se às 18h e 40, precisamente, e apesar do grande aparato policial fascista, um cortejo que desceu a Rua do Ouro arvorando bandeiras vermelhas e cartazes onde se liam as palavras de ordem de «Lutar com Armas sim, Lutar com Votos não!», «Os Povos Irmãos das Colónias Vencerão!», «Operários e Camponeses Unidos Vencerão!».

Esta manifestação, apesar da repressão fascista e das manobras de diversão dos reformistas e anarco-sindicalistas, chamou ao Rossio cerca de três mil pessoas e, dada a sua incontestável importância, foi noticiada pela própria BBC, na sua emissão em português da noite de 12 de Outubro.

As tradicionais mentiras da imprensa fascista e o silêncio cúmplice dos reformistas não conseguiram impedir que a manifestação enchesse de entusiasmo largas camadas de operários, de outros trabalhadores e da juventude, que vêem as debilidades de organização do movimento revolucionário a serem superadas progressivamente.

A CONCLUSÃO DA FARSA

Como dizíamos no início deste artigo, enquanto as ilusões eleitoralistas dos reformistas sofreram rude golpe aos olhos das massas, as posições revolucionárias encontraram um eco crescente junto dos trabalhadores. Ninguém, com um mínimo de honestidade e realismo, pode negar o simples facto de que a mobilização de três mil antifascistas para o confronto directo com os esbirros policiais é um acontecimento político com real importância. E constitui uma autêntica bofetada sem mão das massas populares dos «cívicos» e «lamuriosos srs. candidatos reformistas».

Em resumo, enquanto ainda não foi desta que o reformismo se sentou numa cadeira de S. Bento, enquanto as tentativas de Caetano em dar um ar mais «democrático» à ditadura se desfizeram, ficando num isolamento ainda maior, o programa político da Democracia Popular conquistou novas audiências e a via da luta armada popular pela Liberdade, a Paz, o Pão, a Terra e a Independência alargou-se a novas consciências.

Que os reformistas de Cunhal a Soares chorem em coro no ombro de Caetano e que os trabalhadores se alegrem, pois o dia da sua emancipação está mais próximo — eis a conclusão da história desta farsa «eleitoral» de 1973.

Um «fenómeno» chamado EUSÉBIO ...

Eusébio joga em Portugal há doze anos, onde é conhecido e considerado como uma das maiores personalidades do desporto no mundo. Nestes doze anos, através do ordenado, prémios e outras compensações recebidas, ele conseguiu juntar uma pequena fortuna, sendo hoje proprietário de bares, de uma firma importadora de automóveis e de vários prédios em Lisboa e em Lourenço Marques.

Eusébio é o profissional do espectáculo desportivo que em Portugal, tem mais público e movimentação mais dinheiro e interesses privados. Ele e os outros «ídeos» do futebol são a alma dos chamados «grandes clubes», fazem acorrer aos estádios milhares de espectadores, todos os domingos, e enchem as páginas dos jornais desportivos e uma boa parte das conversas dos trabalhadores, na fábrica, durante a semana.

Afinal, a quem interessam os estádios cheios, o enorme número de leitores de «A Bola», do «Record» e jornais semelhantes? Quem é que fomenta o clubismo, as «guerras» entre o Benfica e o Sporting? Quem é que paga ao Eusébio e às outras «vedetas» do futebol? Quem é que fomenta a sua popularidade?

OS CAPITALISTAS E O DESPORTO

Comecemos por ver quem são os dirigentes do futebol profissional.

De uma maneira geral, trata-se de capitalistas, generais, especuladores e banqueiros. Entre muitos outros, podem-se citar, como exemplos: Mário de Oliveira — presidente do Banco de Angola —, Borges Coutinho — magnate do turismo —, o general Caeiro Carrasco — que passou do exército colonial para vários «tachos» nas Administrações das companhias coloniais —, todos estes indivíduos são antigos ou actuais dirigentes do Benfica; Abraão Sorin — grande negociante de diamantes —, João Rocha e Manuel Vinhas — industriais — e Casal Ribeiro — deputado fascista e director-geral da Cidla —, todos líderes do Sporting; Afonso Pinto de Magalhães — dono do banco Pinto de Magalhães — foi durante muitos anos presidente da direcção do F.C. do Porto; finalmente, temos os especuladores de terrenos e empreiteiros, António Xavier de Lima, que é o actual presidente do Vitória de Setúbal e J. Pimenta que deu entrada recentemente na direcção do Estrela da Amadora.

Os patrões do futebol são os mesmos patrões que exploram os trabalhadores nas fábricas e na construção civil, os mesmos que mandam chamar a polícia quando os operários se defendem da exploração. A burguesia sabe que os trabalhadores a quem combatem e, por isso, protege-se com a sua polícia, as suas leis, os seus tribunais e o seu governo; mas é também por isso que fomenta todo o tipo de passatempos (Festivais da Canção, Voltas a Portugal, Festas de Natal das empresas, etc.), com vista a fazer esquecer ao povo as condições de exploração a que está submetido.

O futebol, como o resto, serve-lhes para desviar a atenção dos trabalhadores dos seus verdadeiros problemas e interessá-los por questões marginais, fomentando até, e muito activamente, falsas rivalidades entre eles. É, por exemplo, o caso das rivalidades entre adeptos de clubes diferentes, do tipo Benfica-Sporting, Porto-Boavista, Farense-Olhansense.

Além da «clubite», os capitalistas fomentam toda uma propaganda gigantesca em torno dos clubes, dos treinadores, dos «ídeos da bola». Dizem-nos

quem eles são, como vivem e o que pensam disto ou daquilo. Eles são apresentados aos trabalhadores como «exemplos» em tudo: na vida familiar, são «exce-lentes pais» e «maridos dedicados»; na vida social, são «prósperos negociantes» e «até têm tempo para ler a *Plateia*, a *Rádio e Televisão*, etc.; finalmente, em política, «não se metem nessas coisas... são cidadãos cumpridores dos seus deveres».

Uma das teclas mais tocadas nesta propaganda é a tecla de «quem trabalha e tem mérito, triunfa na vida». Os «ídeos da bola» (como os artistas da rádio e televisão) são apresentados enquanto homens que nasceram pobres, que souberam trabalhar arduamente e que, por isso, dados os seus méritos, a sociedade lhes fez justiça, enchendo-os de dinheiro e prestígio social. Pre-

tende-se levar os trabalhadores a pensar que se se esforçaram bastante, se «pensarem só na sua vidinha», hão-de ter êxito, hão-de «triunfar na vida».

Em toda esta engrenagem a figura do Eusébio ainda é aproveitada de outra maneira. Além de ser apresentado como um exemplo da «justiça» e das «possibilidades de promoção social» que existiria na sociedade portuguesa, ele é também um cartaz de propaganda do colonialismo português, da «ausência de qualquer racismo nas colónias portuguesas». Note-se que ele não é aproveitado inconscientemente, ele próprio se mostra muito activo na propaganda do fascismo e de colonialismo português.

Vejamos o que se passou com a sua «festa de homenagem» realizada em Setembro último.

A «FESTA DE HOMENAGEM» A EUSÉBIO

Foi ele que convidou, pessoalmente, os ministros fascistas da Educação, das Corporações e das colónias para a sua «festa». Quanto ao ministro das colónias, Eusébio declarou aos jornais que o tinha convidado porque era moçambicano. Quer dizer: enquanto milhares de compatriotas seus prosseguem a luta de libertação nacional contra o colonialismo português, enquanto colegas seus abandonam ou são obrigados a abandonar os clubes portugueses porque estão do lado do seu povo e não do colonialismo português, Eusébio convida o ministro que dirige a política colonial do Governo, prestando-se abertamente a ser um instrumento dessa política.

Mas ainda há mais. Enquanto andava a preparar a dita «festa», Eusébio passeou-se por várias cidades europeias a convidar jogadores e dirigentes famosos, fazendo de «embaixador simpático»

do governo fascista junto dos povos europeus. Em Londres, Eusébio é convidado para o «jantar das celebrações» onde estavam presentes várias «velhas glórias» do desporto inglês, alguns membros do Governo e o próprio primeiro ministro inglês. Isto passou-se apenas dois meses depois de Marcelo Caetano ter visitado a Inglaterra, e de milhares de portugueses e outros anti-colonialistas se terem manifestado contra a visita. O Eusébio foi, agora, «apagar» esta má impressão deixada pelo Caetano junto do povo inglês.

É por todos estes serviços que os fascistas não se cansam de lhe chamar «embaixador do país», representante da grandeza lusitana» e outras no género, e que o governo não se esqueceu de mandar o Tomás condecorá-lo com a medalha da Ordem de Oficial do Infante.

O DESPORTO POPULAR

Em resumo, temos de saber distinguir dois aspectos na figura do Eusébio: por um lado, o excelente jogador de futebol, admirado em qualquer parte do mundo; por outro, e este é o aspecto fundamental, o actor cuja arte não está ao serviço do povo mas da propaganda fascista e colonialista.

A máquina do desporto oficial faz propaganda de tudo o que é contrário aos interesses do povo (o fascismo, o capitalismo, o colonialismo). No entanto, trata-se de uma propaganda «escondida», não se cansando os fascistas de dizer que «o desporto é o desporto» e que «não metem política no caso». Por isso, é uma propaganda mais difícil de combater e da qual os trabalhadores, muitas vezes, não se apercebem.

Temos que nos alertar contra

essa propaganda «escondida», mostrando que ela serve a política do fascismo (em Portugal e cá na emigração). E, ao contrário do desporto que é fomentado pelos capitalistas, nos nossos jogos, nos jogos das nossas associações democráticas e independentes, devemos praticar um desporto onde a rivalidade clubista, o individualismo, o espírito egoísta e apolítico, dêem lugar ao convívio, à amizade e solidariedade entre trabalhadores.

Devemos opor ao desporto que faz propaganda da sociedade capitalista e que procura espalhar no seio dos trabalhadores os vícios desta sociedade, o desporto verdadeiramente popular, o desporto onde a competição serve a unidade e a solidariedade da classe operária e das massas populares.



Lutemos pelo desporto popular nas associações!

FAZ-TE ASSINANTE
DE
O Salto

aniversário

HÁ 50 ANOS MORREU V. I. LÉNINE

No dia 21 de Janeiro de 1924, pelas 18h 30m, morria, em Gorki, perto de Moscovo, Vladimir Ilitch Lénine.

Os trabalhadores de todo o mundo sentiram profundamente a morte daquele a quem consideravam, como escreveu Ho Chi Minh, «um pai, um mestre, um camarada, um conselheiro». Mas a morte física do teórico genial, do organizador e dirigente da primeira Revolução Socialista da História, do grande guia do proletariado e dos povos de todo o mundo, de modo algum obscureceu a sua figura e a sua obra perante a consciência dos trabalhadores. Lénine morto passou a ser a estrela orientadora, a grande bandeira da luta da classe operária e dos povos revolucionários.

Comemorar Lénine não é lamentar um defunto, nem repetir por rotina os elogios habitualmente feitos às grandes figuras do passado. É, acima de tudo, servir a luta libertadora do presente, redobrar o ânimo e trilhar, hoje, os grandes caminhos que Lénine nos deixou para o dia de amanhã.



O TEÓRICO GENIAL

Lénine foi o criador do marxismo da época do imperialismo e das revoluções proletárias. Marx e Engels tinham lançado as pedras angulares da doutrina revolucionária da classe operária. Lénine desenvolveu esta doutrina, adaptando-a às condições de luta da época imperialista.

Nos finais do século XIX, o capitalismo, entrava no estágio mais avançado do seu desenvolvimento, no seu estágio imperialista. O capitalismo tinha estendido as suas garras a todos os países do mundo. Nele dominava a concorrência entre os grandes monopólios para se apoderarem das fontes de matérias primas e dos mercados. A esta concorrência correspondia a rivalidade entre as potências imperialistas, dominadas por aqueles monopólios, para assegurarem o alargamento das suas esferas de influência e a hegemonia sobre a totalidade do globo. A exploração e a ditadura do capital já não se exercia sobre o proletariado dos países onde o capitalismo tinha nascido, mas estendia-se à grande maioria dos povos e nações. O imperialismo levava ao extremo todos os conflitos de classe próprios da sociedade capitalista e a opressão desta sobre as sociedades mais atrasadas. O imperialismo era bem a época das guerras e das revoluções proletárias, a época da derrocada final do capitalismo.

Marx e Engels tinham definido as leis gerais de desenvolvimento da história das sociedades e, particularmente, da sociedade capitalista. Destas leis, eles tinham deduzido que a classe operária era a única classe capaz de destruir o capitalismo e fazer chegar a sociedade à etapa superior do seu desenvolvimento histórico — a etapa da sociedade comunista sem classes. A partir daqui, eles definiram a missão histórica da classe operária: dirigir o assalto e derrubar o poder de Estado burguês, à frente das massas populares; instaurar o seu próprio poder de Estado, a sua ditadura social; conduzir o processo de edificação da nova sociedade socialista e a transição para a sociedade sem classes. A entrada da sociedade capitalista no seu estágio supremo tornava a revolução proletária uma necessidade histórica e colocava-a como uma possibilidade prática imediata. Era preciso, portanto, analisar as características próprias do estágio imperialista e elaborar, a partir delas, as leis da luta da classe operária, em toda a época das revoluções proletárias: não só as leis da luta pelo poder, como as características do Estado da ditadura do proletariado, como ainda as leis gerais da construção do socialismo e da transição ao comunismo. Foi esta a missão de Lénine. É este o núcleo essencial da sua enorme contribuição à doutrina marxista.

A sua obra teórica é imensa. Ela desenvolve o marxismo desde os seus alicerces filosóficos até à resolução dos problemas políticos mais importantes da prática revolucionária. A tal ponto é importante a contribuição teórica de Lénine que, após a sua morte, o leninismo passou a ser considerado como o marxismo da época do imperialismo e das revoluções proletárias e, em consequência, a doutrina orientadora da luta da classe operária deixou de se chamar simplesmente marxismo para se passar a chamar marxismo-leninismo.

O leninismo nasceu como reacção às teorias dos oportunistas que dominavam a II Internacional e que representavam os interesses egoístas da «aristocracia operária», formada e engordada pelos superlucros da exploração imperialista. Para subordinar à classe operária a sua linha de colaboração de classes, os oportunistas da II Internacional tinham transformado o marxismo num conjunto de dogmas desligados da prática revolucionária e dedicavam-se à revisão das suas ideias essenciais, sob o pretexto de as aplicarem às novas condições do imperialismo. O pai desta corrente foi Bernstein, o primeiro teórico e dirigente da classe operária que procurou «rever» o marxismo;

mas, mais tarde, ele foi secundado por Kautsky. O nome da referida corrente — revisionismo — resulta do título do livro mais conhecido de Bernstein: *O Socialismo Evolucionário — Uma Tentativa de Revisão do Marxismo*. Foi em luta contra todos estes oportunistas e seus seguidores que Lénine salvaguardou a essência do marxismo e o fez entrar numa nova fase.

As bases filosóficas do leninismo foram definidas, nomeadamente, na obra *Materialismo e Empirio-crítico* (1909), na qual Lénine toma a defesa dos princípios fundamentais da filosofia marxista (em dura polémica com os falsificadores revisionistas) e desenvolve, sintetizando e generalizando as descobertas científicas ocorridas após a morte de Engels. A partir desta base, Lénine aborda os problemas históricos e sociais que constituem o núcleo da sua contribuição teórica à doutrina orientadora da classe operária. A sua análise das características gerais do imperialismo é-nos dada em *Imperialismo, Estádio Supremo do Capitalismo* (1916). A teoria sobre a revolução proletária e a ditadura do proletariado é desenvolvida, essencialmente, no livro *O Estado e a Revolução*, escrito nas vésperas da Revolução de Outubro.

A sua obra política abarca, naturalmente, todos os problemas importantes da estratégia, da tática e da organização da luta da classe operária, na época imperialista. Ela desenvolveu-se em íntima ligação com a prática, ao longo do processo revolucionário da Rússia e como resposta directa aos seus problemas concretos. No entanto, pelo seu carácter científico e pelo facto de a revolução russa ser, nessa altura, o centro da revolução mundial, ela ficou a constituir, também, um dos elementos fundamentais da ideologia revolucionária da classe operária.

LÉNINE, ORGANIZADOR DO PARTIDO BOLSHEVIQUE E DIRIGENTE DA PRIMEIRA REVOLUÇÃO SOCIALISTA DA HISTÓRIA

Como todos os chefes históricos da classe operária, Lénine, sendo um teórico genial, não era um académico, um homem de gabinete. Toda a sua vida foi feita de intensas batalhas ideológicas, políticas e militares. Ele não só elaborou a doutrina revolucionária da classe operária da época imperialista como dirigiu as lutas que viriam confirmar e consagrar historicamente esta doutrina.

O período de 1900 a 1904 foi o período em que Lénine estabeleceu as bases ideológicas e organizativas do Partido revolucionário da classe operária e uniu à sua volta a corrente maioritária (bolshevique quer dizer maioria) do Partido Operário Social-Democrata da Rússia (POSDR), fundado em 1898. É desta época a sua grande obra, *Que Fazer?* (1902), na qual estabelece os fundamentos do novo tipo de partido de que necessita a classe operária para se lançar à conquista do poder e realizar a sua missão histórica. Esta obra contém a crítica marxista-leninista fundamental do *economismo*, ou seja, ao revisionismo em matéria de organização. Nela Lénine define a essência do *economismo* como o rebaixamento da teoria, a submissão à espontaneidade da classe operária, em suma, a redução da luta da classe operária à luta económica espontânea. Os princípios de organização do partido da classe operária de tipo novo definido por Lénine são expostos em *Um Passo em Frente, Dois Passos Atrás* (1904).

No período de 1905-1907, Lénine estabeleceu as bases da tática do partido revolucionário da classe operária e dirige a revolução democrática de 1905 — ensaio geral da Revolução de Outubro. É no livro *Dois Táticas da Social-Democracia na Revolução Democrática* (1905) que Lénine estabelece as referidas bases, criticando vigorosamente a tática reformista dos mencheviques. Estes reformistas consideravam que a classe operária não cabia dirigir a revolução democrática e que ela devia colocar-se a reboque da burguesia liberal. Eles pretendiam amarrar as classes trabalhadoras a um programa de reformas e afastá-la da luta pelo poder político.

No período de grande repressão e desorganização do movimento revolucionário russo (1908-1910), Lénine robusteceu as fileiras bolsheviques na luta ideológica contra os «liquidadores» (queriam suprimir o partido clandestino) e os «otzovistas» (opunham-se à utilização dos meios legais) e os trotskistas que oscilavam entre uns e outros. É nesta luta que surge, em 1908, a já citada obra *Materialismo e Empirio-crítico*, cujo valor, para além do aspecto científico, reside no desmascaramento dos mentores filosóficos daquelas três tendências antipartido. Com esta obra, Lénine completa a base teórica do Partido bolshevique.

A Conferência de Praga de 1912 veio coroar, na prática, os esforços de Lénine para a criação do partido bolshevique — o primeiro partido revolucionário de tipo novo da classe operária. Essa conferência decide a expulsão dos mencheviques-liquidadores do POSDR e agrupa, definitivamente, a corrente bolshevique num Partido independente. Ficavam, assim, criadas as principais condições subjectivas para a conquista do poder na Rússia.

Os primeiros anos da Guerra de 1914-1918, nas vésperas da Revolução de Outubro, são os anos em que Lénine elabora a teoria da revolução proletária e da ditadura do proletariado. Desta teoria, ele deduz a tática do Partido bolshevique quanto ao aproveitamento revolucionário da guerra imperialista, a qual resume na palavra de ordem da «transformação da guerra imperialista em guerra civil». Deste modo, educa o Partido bolshevique para a eventualidade próxima da insurreição armada e luta pelo desmascaramento dos dirigentes da II Internacional, que, traído os princípios revolucionários, se puseram ao lado das respectivas burguesias imperialistas, chamando a classe operária a lutar em defesa da «pátria».

Em Abril de 1917, Lénine regressa à Rússia e, através das suas «Teses de Abril» e outros escritos, mobiliza o Partido bolshevique para a preparação eminente da tomada do poder. Na noite de 25 de Outubro, forma o comando directo da insurreição. No dia seguinte, com a insurreição já vitoriosa, apresenta os célebres decretos sobre a paz e a terra e é eleito presidente do Conselho dos Comissários do Povo, primeiro governo dos operários e camponeses da Rússia.

Após a tomada do poder, Lénine funda o Exército Vermelho e dirige a defesa do poder dos Soviéticos contra a invasão dos países imperialistas aliados aos reacçãoários russos. Vencida a guerra civil, Lénine dirige a edificação do socialismo, iniciando a aplicação prática das suas teses gerais sobre a ditadura do proletariado e a transição do capitalismo à sociedade sem classes.

Desde 1918 até à sua morte, Lénine, precisa a sua concepção sobre a construção do socialismo numa série de textos sobre a paz de Brest-Litovsk, a fundação da URSS, a questão dos sindicatos, a cooperação na agricultura, as questões culturais, a Nova Política Económica, etc., através dos quais lança as bases da teoria marxista-leninista sobre a construção do socialismo.

LÉNINE, GUIA OS POVOS DE TODO O MUNDO

Em 1919, sob a direcção de Lénine e do Partido bolshevique, fundou-se a III Internacional ou Internacional Comunista.

Se a Grande Revolução Socialista de Outubro é a verificação prática da justeza do leninismo, a fundação da III Internacional representa a sua consagração histórica perante o movimento operário internacional. Na verdade, o então considerado primeiro Partido Mundial do proletariado foi estruturado na base da teoria e da tática leninistas e impunha às suas secções nacionais a clara demarcação face ao revisionismo, ao economismo, ao reformismo e ao social-imperialismo dos dirigentes da II Internacional, nos termos em que Lénine a vinha fazendo desde os princípios do século.

Lénine escreveu vários e importantes documentos de orientação para a nova Internacional. Para além dos seus projectos de resolução e do seu projecto de programa, destaca-se o livro *Esquerdisimo, Doença Infantil do Comunismo* (1919), no qual Lénine esclarece o carácter internacional da revolução russa e tira dele ensinamentos estratégicos, táticos e organizativos para o movimento operário internacional.

A linha estratégica geral ensinada por Lénine e proposta pela III Internacional aos povos de todo o mundo era a da sua união fraterna e militante com o proletariado internacional na luta comum contra o imperialismo e seus lacaios. Esta linha resume-se na palavra de ordem histórica: «Proletários de Todo o Mundo, Povos e Nações Oprimidos, Uni-vos!».

Lénine demarcava a frontalmente da linha seguida pelos oportunistas da II Internacional, a qual definia como um social-imperialismo; isto é, uma linha que, em palavras, defendia o socialismo e a união na luta com os povos e nações oprimidas; mas, nos actos, praticava o imperialismo, na medida em que procurava apenas reformas, moralizar, a exploração desenfreada exercida pela burguesia imperialista.

Eis, pois, as razões pelas quais, a notícia da morte de Lénine correu, de boca em boca, desde as grandes cidades da Europa até às florestas de África e às planícies longínquas da Ásia e da Oceania.

Lénine era, sem dúvida, o guia dos povos do mundo inteiro.



V.I. Lénine e o seu discípulo e continuador J.V. Stáline no VIII Congresso do Partido Comunista (bolshevique), em Março de 1919.

MORREU LÉNINE*

por J. V. STÁLINE

Nós, comunistas, somos pessoas de uma ténpera à parte. Fomos talhados numa matéria à parte. Formamos o exército do grande estratega proletário, o exército do camarada Lénine. Nada há de mais elevado do que a honra de pertencer a este exército. Nada há de mais elevado do que o título de membro do Partido que tem por fundador e por dirigente o camarada Lénine. [...]

Ao deixarmos, o camarada Lénine recomendou-nos que erguéssemos bem alto e conservásemos na sua pureza o glorioso título de membro do Partido. Nós te juramos, camarada Lénine, que executaremos com honra a tua vontade! [...]

Ao deixarmos, o camarada Lénine recomendou-nos que preservássemos a unidade do Partido como a menina dos nossos olhos. Nós te juramos, camarada Lénine, que também nisso executaremos com honra a tua vontade! [...]

Ao deixarmos, o camarada Lénine recomendou-nos que defendéssemos e consolidássemos a ditadura do proletariado. Nós te juramos, camarada Lénine, que não pouparemos forças para executar com honra, também nisso, a tua vontade! [...]

Ao deixarmos, o camarada Lénine recomendou-nos que consolidássemos com todas as forças a aliança dos operários e dos camponeses. Nós te juramos, camarada Lénine, que, também nisso, executaremos com honra a tua vontade! [...]

Ao deixarmos, o camarada Lénine recomendou-nos que consolidássemos e alargássemos a União das Repúblicas. Nós te juramos, camarada Lénine, que, também nisso, executaremos com honra a tua vontade! [...]

Lénine indicou-nos mais de uma vez que o fortalecimento do Exército Vermelho e o seu aperfeiçoamento são uma das tarefas mais importantes do nosso Partido. [...] Juremos, pois, camaradas que não pouparemos esforços para fortalecer o nosso Exército Vermelho e a nossa Marinha Vermelha! [...]

Ao deixarmos, o camarada Lénine recomendou-nos fidelidade aos princípios da Internacional Comunista. Nós te juramos, camarada Lénine, que não pouparemos a nossa vida para fortalecermos e alargarmos a união dos trabalhadores de todo o mundo, a Internacional Comunista!

* Discurso pronunciado por J.V. Stáline a 26 de Janeiro de 1924 na sessão fúnebre do II Congresso dos Soviéticos da URSS e publicado na Pravda nº 23 de 30 de Janeiro de 1924.

18 DE JANEIRO DE 1934
DATA MEMORÁVEL DO MOVIMENTO OPERÁRIO PORTUGUÊS

Faz agora 40 anos que os trabalhadores da Marinha Grande pegaram em armas para se libertarem do domínio da burguesia opressora. A insurreição do povo marinhense assinala o momento de maior significado da luta contra o fascismo salazarista, no período da sua implantação. O 18 de Janeiro ficou, por isso, uma data memorável para a classe operária, uma marca inapagável do seu desejo de lutar e de libertar-se.

No dia 18 de Janeiro de 1934, o povo da Marinha Grande desencadeou uma insurreição armada e libertou a vila das mãos da polícia e das autoridades salazaristas, durante largas horas. Mas, como o movimento insurreccional não foi seguido no resto do país, a repressão pôde dominar o levantamento operário da Marinha Grande.

A acção armada da Marinha Grande assinala o ponto mais alto duma série de lutas operárias desencadeadas após a implantação da ditadura salazarista. Visando acabar definitivamente com os sindicatos livres, a Confederação Geral do Trabalho e os Sindicatos Vermelhos, o governo decretara, em Setembro de 1933, a criação do Estatuto do Trabalho Nacional que acabava com o direito à greve e introduzia o fascismo nos organismos legais dos trabalhadores, através dos chamados «Sindicatos Nacionais». Em Dezembro de 1933, a CGT, sindicato de orientação anarquista, contava 15 mil aderentes, enquanto os sindicatos vermelhos possuíam 25 mil. Estes publicavam 8 jornais diários com uma tiragem de 170 mil exemplares. Eram estas organizações legais operárias, bem implantadas nas fábricas, que o fascismo pretendia destruir.

Perante a ofensiva salazarista, a classe operária, que vivia numa situação de miséria e de desemprego, motivada pela crise económica que avassalava todo o mundo capitalista, desencadeou um grande movimento de massas (greves e manifestações de rua) em que participaram largos milhares de trabalhadores. Foi na Marinha Grande que o Partido Comunista encabeçou devidamente a resposta a dar à fascização e organizou a insurreição popular.

Segundo o relato de José Gregório, que participou na direcção do movimento, as coisas passaram-se assim:

A INSURREIÇÃO DO 18 DE JANEIRO

«A notícia de que se ia organizar um movimento à escala nacional contra a fascização dos sindicatos e o governo teve bom acolhimento entre os trabalhadores da Marinha. Os trabalhadores vieram nesse movimento à única maneira de pôr cobro às injustiças de que vinham sendo vítimas e verem satisfeitas as suas aspirações: abertura do sindicato encerrado pelos fascistas, aumento de salários, medidas contra o desemprego, e autoridades locais que servissem a classe operária e não para servirem os patrões, como até então vinha sucedendo.

«Dada a convicção de que o movimento tomaria amplitude nacional, arregaçou-se a ideia dum movimento insurreccional, com vista não só à luta contra a lei de fascização dos sindicatos, como também com o fim de derrubar

o governo e instaurar um novo regime; para isso, começou-se a preparar o movimento na Marinha para implantar um regime operário sob direcção dum soviete local.

Sob a direcção de Manuel Esteves de Carvalho, embora tuberculoso e imobilizado na cama, o «Comité nomeado para dirigir o movimento — diz mais à frente José Gregório — começou dias antes do 18 de Janeiro a recolher

brigadas para reforçar a defesa nas estradas. Passado pouco tempo, os correios estavam tomados, a linha férrea obstruída em dois pontos, as linhas telefónicas cortadas e as estradas cobertas de obstáculos.»

«O tiroteio tinha despertado a vila e os seus arredores; das aldeias próximas, acorriam trabalhadores, homens, mulheres e jovens, que se dispunham a parti-

neiro indica a única via segura para a libertação das massas populares. A instauração do poder popular tem que ser obra da acção violenta das classes trabalhadoras, tem que ser obra da acção perseverante e organizada das largas massas de trabalhadores. A burguesia não abandona o poder e os seus privilégios se não for obrigada, pela força, a ceder. Eis as lições do 18 de Janeiro!

Cabe-nos saber aplicá-las à nossa situação actual, enriquecendo o movimento operário com a sua melhor experiência.

O 18 de Janeiro não indica o caminho das sabotagens e do terrorismo desligados das lutas populares. Estas acções de meia dúzia de heróis só podem semear falsas ilusões.

O caminho do 18 de Janeiro é o da acção de massas; é o da organização da classe operária e de todo o povo; é o da sua mobilização para se opor, por meios violentos, à opressão do capital.

O 18 de Janeiro é o caminho próprio do movimento insurreccional das classes mais exploradas e não o da aventura desesperada da burguesia descontente. É por isso que a insurreição de 1934, na Marinha Grande, permanece para sempre na memória dos trabalhadores portugueses.



As forças repressivas ocupam a Marinha Grande

todas as armas caçadeiras, revólveres e pistolas; trabalhou no sentido de carregar cartuchos (com carga especial) e arranjar munições para as restantes armas. Por outro lado, recrutou operários para as brigadas de ataque ao posto da GNR, ao posto dos Correios, e outros para formarem as brigadas de derrubamento de árvores com o fim de obstruir as estradas e impedir a passagem dos comboios e das forças repressivas».

«Na noite de 17 de Janeiro e segundo o plano estabelecido — diz o relato noutra parte —, fez-se a concentração dos operários componentes das brigadas e muitos outros, assim como das armas, munições e ferramentas necessárias ao cumprimento do plano. Daqui, sob a direcção dum responsável que levava uma bradeira vermelha, saíram cinco brigadas, de 5 operários cada uma, para o assalto ao posto da GNR; uma, dirigida por António Guerra, para o assalto ao edifício dos Correios, duas para a interrupção da via férrea e várias outras para obstruir as estradas; outras brigadas saíram igualmente para cortar as linhas telefónicas.

«Deste modo, à uma hora da noite, quando toda a vila estava no mais completo silêncio e a seguir a um tiro disparado, todas as brigadas começaram a actuar. As brigadas agiram tão simultaneamente e com um fogo tão cerrado que os guardas julgaram estar perante uma força com armamento pesado e não tiveram ânimo para esboçar a mais ligeira resistência, pelo que não deram sequer um tiro e acabaram por se render e sair do posto. Depois de revistados, foram presos dentro duma dependência da Fábrica Nacional do Vidro, sob a guarda de operários armados de carabina. Com as armas e munições da Guarda, foram formadas novas

cipar no movimento. No centro da vila, próximo do posto e da Câmara Municipal, iam-se juntando dezenas e dezenas de trabalhadores que, numa alegria indescritível, davam vivas à classe operária, ao sindicato e ao Partido Comunista, misturados com morras ao governo e à polícia. Gritava-se: 'Vamos abrir o sindicato! Vamos nomear o soviete da vila! Vamos organizar a recolha dos abastecimentos para distribuir! Reforcemos a defesa da nossa terra!'

A repressão, porém, iria pôr um termo a este entusiasmo popular. A insurreição falhou no resto do país, por falta de unidade das forças revolucionárias. O governo não teve dificuldade em concentrar tropas sobre a Marinha Grande e desencadeou o terror sobre a população insurgida.

A LIÇÃO DO 18 DE JANEIRO

A insurreição operária da Marinha Grande acabara num fracasso político. Mas, já naquela altura, ela demonstrou a capacidade de luta dos trabalhadores, as suas armas para resistir ao fascismo, a capacidade de organização do operariado. Hoje, o 18 de Janeiro é um marco fundamental da história dos trabalhadores portugueses. Ele assinala a primeira vez em que a classe operária ousou tomar em mãos os seus destinos, dirigindo e encabeçando a insurreição, sem se arrastar atrás das classes que a oprimem. Num tempo em que as correntes da oposição reformista aumentam os seus esforços para contaminar os trabalhadores com os meios legalistas e pacifistas usados pela burguesia exploradora como um ópio de adormecer, o 18 de Ja-



José Gregório

Operário vidreiro da Marinha Grande, que veio a tornar-se um dos principais dirigentes do movimento operário português. Organizou e dirigiu a insurreição do 18 de Janeiro. Enquanto dirigente destacado do Partido Comunista, foi ele que o dotou, pela primeira vez, dum Programa revolucionário, ao mesmo tempo que travou uma luta intensa contra os inimigos da classe operária que se haviam introduzido no seio das suas organizações (1950-1955). Tendo adoecido, em 1955, os oportunistas enviaram-no para a Checoslováquia aproveitando-se da sua ausência para encaminhar o Partido da classe operária para o reformismo, e pondo-o sob a tutela da burguesia liberal. José Gregório vem a falecer naquele país, em Maio de 1961, destituído do seu posto de dirigente e ainda cedo para conhecer a luta desencadeada posteriormente, pelos comunistas portugueses contra os reformistas que o afastaram, luta que teve a sua etapa fundamental na reorganização do Partido Comunista, a organização de vanguarda da classe operária, em 1970, sob o nome de Partido Comunista de Portugal (marxista-leninista).

emigração

UM TRABALHADOR PREVENIDO VALE POR DOIS

A RENOVAÇÃO DAS CARTAS DE ESTADIA E DE TRABALHO EM FRANÇA

Um dos pontos fundamentais da nova regulamentação instituída pela Circular Fontanet é que as duas cartas — a carta de trabalho e a carta de estadia — terão a mesma duração. Para a renovação destas cartas, é, pois, necessário tomarmos uma série de precauções e estarmos informados dos processos empregues pela polícia, com o fim de podermos defender-nos das suas intimidações ou, mesmo, poder mover uma acção judicial no caso de recusa e consequente ameaça de

«refoulement» ou expulsão.

OS DIFERENTES TIPOS DE CARTAS

É preciso ter bem presente o tipo de carta de estadia («séjour») que se possui, pois essa carta dá-nos por lei algumas garantias.

Apresentamos, seguidamente, um curto esquema dessas cartas acompanhadas das respectivas cartas de trabalho.

tenham sofrido um acidente de trabalho, estejam no desemprego ou tenham más condições de alojamento, devem levar à polícia o maior número possível de documentos relativos à sua situação: certificados médicos, folhas da Segurança Social, carta de licenciamento, folhas do abono de família, «Assedic», recibos da renda de casa, inscrição na Mairie para arranjar um melhor alojamento.

Devem fazer igualmente fotocópias destes documentos e entregá-las. Nunca dar à polícia os originais destes documentos.

4. Não assinar nada sem saber o que lá está escrito.

5. No caso de sofrerem um interrogatório, só responder ao interrogatório de identificação. Nunca se deve responder a um interrogatório sem a presença de um advogado. A lei dá-nos o direito de exigir um advogado.

A MUDANÇA DE PROFISSÃO, DE DEPARTAMENTO E «DESQUALIFICAÇÃO»

A partir de agora a mudança de profissão ou de departamento, durante o primeiro ano de estadia em França, é bastante dificultada se não quase impossível.

Para mudar de profissão ou departamento, é aconselhável fazê-lo enquanto a carta de trabalho ainda é válida por vários meses e justificar o mais possível o pedido de mudança (motivos de saúde ou familiares, mudança de empresa ou «chantier», retomar a profissão já exercida em Portugal, etc.).

Para a renovação da carta de trabalho, é preciso estar bastante vigilante em relação à questão de controlar regularmente se o ordenado que vem indicado nas «fichas de paye» corresponde à qualificação que vem expressa na carta de trabalho. É, por exemplo, o caso de um operário que tem, na sua carta de trabalho, a qualificação de P 1 e o seu ordenado corresponde a O 5. Esta «desqualificação» involuntária pode levantar problemas para a renovação da carta de trabalho.

1. Grupo de Informação e Apoio aos Trabalhadores Emigrados. Este grupo de advogados e assistentes sociais progressistas oferecem os seus serviços para a defesa jurídica dos trabalhadores emigrados.

PRECAUÇÕES A TOMAR

1. Ir renovar as cartas sempre que possível três meses antes de terminar o seu prazo de validade.

2. Antes de ir à polícia, fazer fotocópias de todos os documentos.

3. Todos os trabalhadores que, na altura de renovar as suas cartas, se encontrem doentes,

APÓS O 31 DE OUTUBRO

AINDA É POSSÍVEL ARRANJAR PAPÉIS

Como já afirmámos no último número do nosso jornal, e segundo as autoridades francesas, após o 31 de Outubro, acabou-se a possibilidade de os emigrantes clandestinos regularizarem a sua situação.

No entanto, é do nosso conhecimento que há alguns sectores, como a construção civil e empregos domésticos, onde determinados patrões conseguem contratos para trabalhadores sem papéis. Isto acontece na quase totalidade dos departamentos e para as profissões atrás referidas.

Apesar disto ser uma possibilidade para alguns dos nossos leitores, queremos chamar a atenção de todos os que encontrem um patrão nestas condições para a necessidade de pressionarem o patrão a fazer o que lhe compete para que a regularização se faça rapidamente. A experiência mostra que, se o patrão se «mexe», é fácil conseguir a regularização e rapidamente.

Isto é importante, pois nós devemos defender-nos ao máximo contra a situação de estarmos empregados clandestinamente. Esta expõe-nos ao perigo de sermos expulsos pela polícia e às maiores vilanias por parte do patrão: salário inferior ao estipulado pela lei; trabalhar mais que o tempo normal e não receber o subsídio de horas extraordinárias, não ter a segurança social, etc.

O antigo consul em Paris arranjou um novo tacho

Com a remodelação ministerial no governo fascista de Caetano, o antigo cônsul-geral em Paris, Pedro Pinto, foi promovido a secretário de estado da Informação. Para além das negociações que habitualmente estes representantes do fascismo fazem, não só com traficâncias nos papéis dos consulados mas também através de combinações escuras com empresas, o Pedro Pinto era também o agente político do governo caetanista com mais responsabilidades na emigração. Sobre ele, Caetano tinha os olhos postos para fazer frente ao movimento popular das massas emigradas, cada vez mais organizado.

O esbirro fascista bem tentou, mas muito pouco ou nada conseguiu. A sua grande pedra era o agente Monteiro Afonso, do pasquim «Mundo Português», que não falava noutra coisa senão em «movimento associativo», procurando alargar a rede de clubes e associações que estavam directamente debaixo da pata do consulado. Ao mesmo tempo, no capítulo a que os fascistas chamam cultura, o Pedro Pinto ia promovendo concursos de «misses» e música «yé-yé», festivais de música com a presença das «estrelas da rádio e televisão», como o bufo do Artur Agostinho, é, no capítulo daquilo a que chamam desporto, os jogos Sporting-Benfica; tudo isto, em colaboração estreita com as agências de viagens, companhias de seguros e de construção civil, os bancos, etc.

Tudo em vão. O pasquim desapareceu e o Monteiro Afonso calou-se. Quanto à chamada cultura, os trabalhadores cada vez

menos se deixam enganar pelas «cantigas». No entanto, nem tudo foram fracassos para o Pedro Pinto. O município de Paris ofereceu-lhe uma medalha que, segundo ele próprio — afirma, «é uma marca de apreço pelo trabalho feito a favor dos emigrantes e dos seus filhos». Isto das medalhas é como a água benta: cada um dá ou toma a que quer!

O NOVO TACHO E AS PROMESSAS BRILHANTES

Como é habitual, o antigo cônsul, quando da sua entrada no novo posto do governo caetanista, botou palavra.

Não resistimos à tentação de referir algumas das suas palavras. Dizia ele: «Não quero esquecer também um sector pelo qual me habituei a ter a maior simpatia: o da cultura (...). Sim compreendemos perfeitamente... Cultura como aquela que tentou por cá promover. No que respeita à informação, ele anunciou uma «política de lusitanismo esclarecido» o que não é mais do que dizer: um aperfeiçoamento da imprensa fascista com novos métodos, para melhor fazer passar aos olhos dos trabalhadores portugueses a política do governo.

Que os trabalhadores em Portugal façam abortar os objectivos daquele que, sem grandes resultados, tentou em Paris continuar junto dos emigrados a política de opressão e miséria dos capitalistas e da sua ditadura, são os nossos mais ardentes desejos.

ESCLARECIMENTO DA ATPAL

Inquietações do Arderius

No último número do pasquim do Arderius — «O Emigrante» —, vinha um longo editorial que era um ataque contra alguém que os seus leitores terão grande dificuldade em reconhecer. Temos o orgulho de informar os trabalhadores portugueses que somos nós quem é visado nesse papel.

Esses senhores não têm vergonha de falar em «união», como se a união pudesse existir entre os trabalhadores e aqueles que vivem do seu suor. A «união» deles já não engana ninguém: o que eles chamam «união» não é mais do que uma tentativa para manterem os trabalhadores na ignorância, de modo a poderem continuar a explorá-los. Compreende-se, então, que eles reajam violentemente quando os trabalhadores começam a lutar contra o seu jugo e a unirem-se para melhor resistirem.

É verdade que «queremos mudar a face da terra varrendo dela

todos os exploradores e seus criados que vivem à custa dos trabalhadores». Por outro lado, eles, referem-se aos «anos trágicos da emigração» e das «boas vontades que resolviam os problemas». Não nos parece que a situação fosse tão clara e as «boas vontades» tão desinteressadas. Todos os dias, ouvimos trabalhadores denunciarem as práticas dessa época e sabemos, mesmo, que um inquérito judicial lhes chegou a ser feito.

Esta reacção compreende-se — e orgulhamo-nos dela — quando se conhece o descrédito em que esses senhores Arderius e companhia, dos bancos e consulados, caíram junto dos trabalhadores. Hoje, os trabalhadores compreendem que, para resistirem aos ataques do fascismo na emigração, eles devem contar apenas com os seus próprios esforços.

ATPAL

SALÁRIO MÍNIMO: MAIS UNS CÊNTIMOS!

O SMIC (Salário Mínimo) foi aumentado, no princípio de Dezembro, de 5,32 F para 5,43 F à hora, isto é: 945 F por mês para 40 horas de trabalho. Quer dizer que, por lei, nenhum patrão pode pagar um salário inferior a 5,43 por hora.

Este aumento pretende responder às reivindicações que têm sido apresentadas pelas várias organizações sindicais e políticas francesas e que vão desde 1200 a 1500 F por mês, na base de 40 horas de trabalho semanais. Como se vê, o aumento destes cêntimos é muito inferior a estas reivindicações que são justificadas pelo aumento galopante do custo de vida, nos últimos tempos.

le

NOVAPORT

AGÊNCIA NOTICIOSA POPULAR DE PORTUGAL

15261 - PARIS CEDEX 06

Lê o Boletim de Informação quinzenal de NOVAPORT. Para te informares de como o receberes escreve para NOVAPORT B.P. 4806 15261 - PARIS CEDEX 06

O PROCESSO

A partir de agora, tem que se ir renovar quer a carta de estadia quer a carta de trabalho ao mesmo local: a Perfeitura ou o Comissariado.

No caso de se ir pedir a renovação de uma das cartas e supondo que a outra ainda é válida, a polícia ficará não só com a que está a caducar mas também com a outra que ainda é válida e deverá passar um «récépissé» indicando qual o tipo de carta que possuímos e a sua validade.

Este «récépissé» é válido por 3 meses e poderá ser renovado no caso do processo de regularização demorar mais de 3 meses.

AS RECUSAS

A polícia poderá recusar o renascimento da carta de «séjour» mas é obrigada a passar um certificado («refus de séjour»), onde deve indicar o motivo da recusa ou, então, prolonga o «récépissé» indicando os motivos pelos quais, até ao momento, não foi possível renovar uma das cartas. Fá-lo através de algumas iniciais e frases. Eis alguns exemplos:

JR — Justificação de rendimentos.

ECP — Inquérito no Comissariado de Polícia.

«Pour reprise au travail» — Para retomada de trabalho.

«Pour améliorer les conditions de logement» — Para melhorar as condições de alojamento.

AS RECUSAS E AS CARTAS DE «SÉJOUR»

Pela lei, a polícia não pode recusar a estadia em França aos possuidores de uma carta ordinária (verde) ou de uma carta de residente privilegiado (azul), os quais têm o direito de residir em França até ao dia em que a respectiva carta caducar. Para recusar a estadia, a polícia terá que elaborar um processo de expulsão e o trabalhador terá que passar por uma comissão de expulsão, tendo de ser avisado, com pelo menos oito dias de antecedência, do dia em que terá de comparecer perante essa comissão, o que dá tempo para os trabalhadores nestas condições poderem organizar a sua defesa.

emigração

OS FOMENTADORES DO RACISMO

No dia 26 de Novembro último, explodiu uma bomba de fabrico artesanal na estação de metro Louis Blanc, em Paris, tendo morrido duas pessoas e ficado feridas uma dezena, entre as quais uma mulher grávida.

As agências da imprensa burguesa estabelecidas em França logo aproveitaram para pôr a correr uma série de boatos de carácter racista. Citando as ditas agências, um jornal da manhã, na Holanda, em 27 de Novembro, dava a entender que a explosão tinha sido provocada pelo descuido «de dois operários portugueses que trabalhavam no metro e tinham entrado na estação de Louis Blanc com uma carga de dinamite». Um jornal da tarde, no mesmo país, voltava a falar de dois operários portugueses mas, desta vez, já não se tratava só de simples descuido, aventava-se mesmo a hipótese de «um aten-

tado político feito por uma organização clandestina».

Mas não foi por aqui a especulação. Segundo o jornal francês «Libération», a imprensa burguesa teria ainda posto a hipótese de «um atentado de um grupo de palestinos».

Afinal de que se tratou? Pura e simplesmente, do descuido de um antigo sargento do exército (tinha feito as guerras coloniais da Indochina e da Argélia), conhecido no seu bairro como alcoólico exaltado, que levava a bomba para casa com o fim de matar a mulher «por uma questão de ciúmes».

A mentira e a especulação são métodos habituais na imprensa burguesa. Casos deste género são inúmeros nas colunas dos jornais que lemos todos os dias. É a especulação e o boato de tipo racista é um caso dos mais frequentes...

ATENTADO FASCISTA CONTRA CONSULADO ARGELINO

No dia 14 de Dezembro, explodiu uma bomba no consulado da República democrática e popular argelina em Marselha, causando 4 mortos e 30 feridos. Este é mais um acto da campanha terrorista e racista dirigida pelos fascistas e apoiada pela burguesia.

Este criminoso atentado causou grande indignação à classe operária e a todos os progressistas. No dia 16 de Dezembro, a maioria dos trabalhadores emigrados do Sul da França fez greve. Em alguns locais de trabalho, como na SAMIC, perto de Toulon, os operários franceses aderiram à greve, tomando assim uma justa posição de classe internacionalista ao lado dos seus camaradas emigrados.

Em Grenoble, no dia 16, rea-

lizou-se uma manifestação anti-racista com 3 mil participantes, que entregaram uma moção no consulado argelino desta cidade.

Em Marselha, ainda no mesmo dia, 15 mil trabalhadores acompanharam o desfile fúnebre desde o hospital até ao aeroporto, manifestando-se contra o racismo. O jornal *Le Monde* noticia que «a polícia carregou violentamente sobre grupos de pessoas que ainda se encontravam nos passeios» depois do fim da manifestação, «tendo ferido três pessoas (...) que tiveram de ser hospitalizadas».

Os restos mortais das vítimas do atentado foram transportados do aeroporto de Marselha para Argel, onde se juntaram 500 mil manifestantes.

A CRIANÇA E A VIDA FESTA DA CRIANÇA EM LYON

Foram numerosas as crianças que acorreram, no dia 25 de Dezembro, à sede da Associação dos Portugueses da Aglomeração Lionesa (ATPAL). Representava-se a peça «Quem É o Pai Natal», escrita e representada pelo grupo de teatro da associação.

No início da peça, um apresentador, dirigindo-se à assistência, resumiu-a desta maneira: «uma história de Natal diferente das que vocês costumam ouvir, mas ela vai mostrar-vos como as crianças tem direito à verdade e aquilo que lhes pertence».

Trata-se da história de uma fábrica de brinquedos passada na quadra do Natal. Os operários discutem a realização de uma greve de solidariedade em virtude do despedimento de uma camarada. Para lançar a divisão no seio dos trabalhadores, o capitalista faz uma distribuição de brinquedos aos seus filhos. Porém, duas crianças descobrem por detrás das falsas barbas do Pai Natal o dono da fábrica de brinquedos, desmascarando, assim, o mito do Pai Natal. Entretanto, irrompem pela fábrica os operários que, vindo de uma assembleia, anunciam o início da greve. Aterrorizado pela greve, vaiado pelas crianças, o patrão mostra a sua verdadeira face, a de um monstro de pés de barro.

Desenhos feitos pelos filhos dos sócios, alguns deles anunciando a peça, decoravam a sede da

ATPAL. No intervalo, organizou-se um concurso de desenho para crianças. Maria Clara, de 6 anos de idade, ganhou o concurso com um desenho sobre Portugal. O entusiasmo das crianças pela peça e pelo concurso de desenhos prova a falsidade da teoria de que só os contos de fadas lhes interessam.

O CENTRO DA CRIANÇA PORTUGUESA

Esta festa, a primeira que a ATPAL organizou para crianças, marca o início do seu trabalho no sentido de permitir às crianças portuguesas da região de Lyon conviverem entre elas. A alegria e interesse manifestado pelas famílias ali reunidas mostram, uma vez mais, a importância que o povo português dá às crianças e a sua legítima aspiração a que estas tenham acesso à cultura popular portuguesa.

Disse-nos um dirigente da ATPAL: «Não basta organizar uma festa, não ficaremos por aqui. Iremos prosseguir o nosso trabalho junto das crianças portuguesas da região. Em Março, concretizaremos uma nossa aspiração desde que começámos a associação — abrir o Centro da Criança Portuguesa, onde, às quartas-feiras, os filhos dos nossos sócios poderão conviver a ter acesso à nossa cultura popular e à nossa língua».

ALEMANHA

W. BRANT LANÇA UM ATAQUE FASCISTA À CLASSE OPERÁRIA:

FECHADAS AS PORTAS À EMIGRAÇÃO

Tal como a Dinamarca e a Holanda, a Alemanha Federal fechou totalmente as suas fronteiras à emigração. Esta medida tem repercussões directas sobre os emigrantes portugueses que se encontram a trabalhar na Alemanha, cujo número é, no fim de 1973, de 110 mil trabalhadores e respectivos familiares.

Entretanto, estão inscritos em Lisboa no Secretariado Nacional da Emigração cerca de 40 mil trabalhadores, pretendendo a maioria deles emigrar para a Alemanha. É claro que os seus processos ficaram suspensos devido a esta medida do governo alemão.

AS RAZÕES DO PATRONATO

Porque fechou o governo da Alemanha Federal as portas à emigração? Porque, para ele, os primeiros trabalhadores a sofrerem as consequências da crise que se aproxima são os que estão menos organizados para se lhe oporem: os trabalhadores emigrados.

Já nos últimos meses, se verificavam sintomas da actual situação. Os preços subiram numa forma galopante: mais de 27 por cento na carne, 33 por cento nos legumes e 78 por cento nas batatas. O desemprego vem aumentando de maneira anormal, desde o início do ano. Agora, com o pretexto da falta de petróleo, os capitalistas fecham as fábricas e diminuem a produção. Por seu turno, o governo alemão, em face do aumento do número de desempregados, tenta por todos os meios diminuir o dinheiro gasto em subsídios de desemprego e, ao mesmo tempo que fecha as portas à emigração, põe a funcionar a «lei de estrangeiros».

ATAQUE FASCISTA

Esta lei permite à burguesia

arranjar pretextos para despedir e impedir a estadia na Alemanha dos trabalhadores emigrados.

Assim, desde o dia 18 de Novembro, alguns operários turcos são perseguidos por «suspeita de pertencerem a organizações criminosas». Em Berlim, a polícia fez inquéritos sobre a vida pessoal dos trabalhadores que seguem ela «têm acesso a máquinas importantes e sensíveis, que podem ser sabotadas». Estas medidas visam intimidar e quebrar o ímpeto dos emigrantes que têm vindo a travar grandes lutas em conjunto com a classe operária alemã: 180 greves, de Abril a Setembro deste ano, com a participação de 160 mil grevistas.

W. BRANDT E AS AJUDAS SINDICAIS

Esta política fascista do governo social-democrata de W. Brandt (do mesmo «clube» que Mário Soares) é um ataque à classe operária, em geral, e aos trabalhadores emigrados, em particular. A burguesia alemã conta com a ajuda das direcções dos sindicatos, como mostra esta declaração do Comité Executivo do Sindicato dos Metalúrgicos (IGM) sobre a greve da Ford em Colónia: «Distanciamos-nos (...) e criticamos energicamente as agitações que têm surgido por toda a República Federal Alemã, fomentadas por grupos extremistas, utilizando para isso os trabalhadores estrangeiros com pouco conhecimento do idioma, política tarifária e leis de constituição de empresa». Isto é uma verdadeira declaração fascista digna do patronato e não de indivíduos que dizem defender os interesses dos trabalhadores.

OS RAFEIROS DO CAPITAL

Os capitalistas sempre precisaram de um elo de ligação entre eles e os trabalhadores. Na maioria das vezes, os batos brancos e os contramestres, são os indivíduos escolhidos pelo seu servilismo, pela sua actividade de bufos, de fura greves, etc. Também, na Suécia, se usam dos mesmos processos, tendo-se sempre o cuidado de mascarar esses servidores do Capital de nomes pomposos como, por exemplo, «representantes dos trabalhadores».

Tal é o caso do representante sindical no estaleiro de construção da Kockums (principal accionista da Lisnave), que também tem um tacho na administração da empresa. Sendo uma peça na máquina de exploração dos trabalhadores suecos, este rafeiro de um dos maiores monopólios suecos viajou a Portugal. Entrevistado pela revista progressista sueca «Roda Rappet» acerca dos seus «negócios» em Portugal respondeu: «Na realidade, tivemos uma reunião com a administração. Nunca tinha visto a Lisnave, só tinha ouvido falar dela em diferentes ocasiões e agora tive a oportunidade de a ir ver... Estive muito indeciso acerca da minha ida lá ... mas quando se é escolhido como representante tem de se desempenhar a tarefa. E as decisões que se iriam tomar na administração eram consideravelmente importantes. Eram investimentos da ordem dos 170 milhões. Eu estava enormemente interessado em vigiar isso».

Este vendido «vigia» tanto, representou tanto os trabalhadores, que nem sequer se apercebeu das miseráveis condições de higiene e segurança e ritmos de trabalho com que se processa o trabalho na Lisnave. Ele só andou a vigiar os 170 milhões da família Kockums que é para ver se lhe calham algumas migalhas.

escreve para:

Correio do Leitor

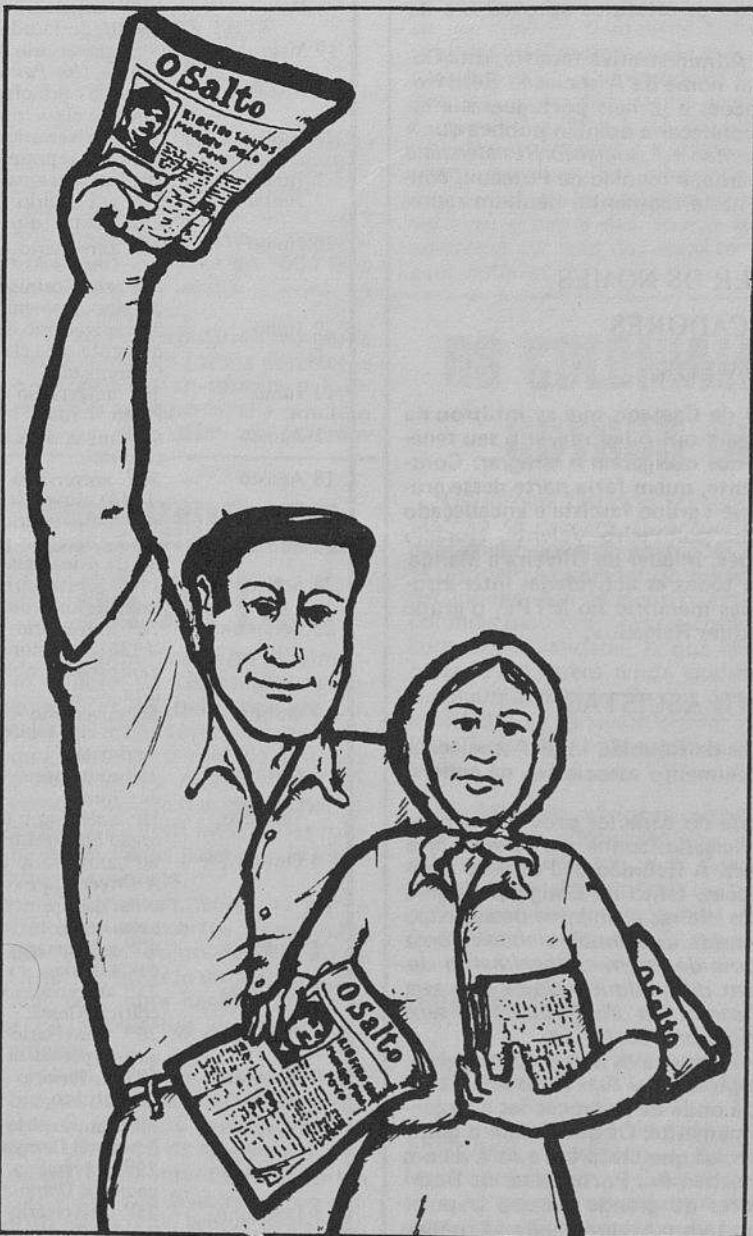
ATENÇÃO LEITOR M.P., DE OLORON!

Acusamos recepção da carta que nos enviou a propósito da polémica sobre o artigo «Rompendo o Muro da Censura Fascista». Temos necessidade de o contactar, pelo que agradeceríamos que nos enviasse a sua morada ou entrasse em contacto connosco

A Redacção

CONTACTA O COMITÉ DE APOIO AOS DESERTORES, REFRACTÁRIOS E INSUBMISSOS PORTUGUESES

127, rue St-Maur, 75011 PARIS
Métro Goncourt ou Couronnes
Quartas-feiras: das 18h às 21h
Sábados: das 16h às 20h e
174, rue Championnet
75018 PARIS
Métro Guy Môquet.
Sábados: das 18 h à 20 h 30m



Lê e assina «O Salto»

movimento associativo

COMUNICADO DE IMPRENSA SOBRE A RIA EXTRAORDINÁRIA DE PUTEAUX

A COMISSÃO DIRECTIVA FASCISTA NÃO REPRESENTA A ART

Em 24 e 25 de Novembro, no local do Encontro Português de Puteaux, teve lugar uma reunião das associações de trabalhadores portugueses na Europa.

Esta Reunião Inter-Associações Extraordinária, convocada pela Comissão Permanente do Movimento dos Trabalhadores Portugueses Emigrados (MTPE) sob proposta do Encontro Português de Puteaux, teve como objectivo debater «os incidentes ocorridos na Associação Resistência e Trabalho (ART) de Amsterdão».

Os incidentes ocorridos na Associação Resistência e Trabalho fazem parte da actual ofensiva fascista na emigração. O fascismo, vendo falharem as suas tentativas de criar um movimento associativo independente e democrático, recorre à violência, ao terror, à provocação abjecta.

Como fazer frente a esta ofensiva, em particular em Amsterdão, foi o que debateram calorosamente, durante quinze horas quase consecutivas, as seguintes delegações: Associação dos Trabalhadores Portugueses da Aglomeração Lionesa; Clube dos Jovens Trabalhadores Portugueses de Paris; Comissão Cultural e Recreativa de Bruxelas; Encontro Português (Puteaux); Liga Portuguesa do Ensino e da Cultura Popular (Paris); O Salto, Jornal dos Trabalhadores Portugueses Emigrados; Novaport, Agência Noticiosa Popular de Portugal; Comité de Apoio aos Desertores e Refractários Portugueses (Paris); Comissão «Por uma Associação Democrática e Popular» (Amsterdão).

O Centro Português de Dusseldorf-Neuss exprimiu, numa carta à Reunião, o seu repúdio e indignação dos actos provocatórios e fascistas ocorridos em Amsterdão.

As delegações começaram por ouvir o relatório da Comissão de Inquérito criada para analisar «os incidentes ocorridos na Associação Resistência e Trabalho». Essa Comissão, constituída pelas Associações de França e por um delegado do MTPE, baseou as suas conclusões num minucioso inquérito feito em Amsterdão. As suas conclusões vieram juntar-se numerosos testemunhos das delegações e observadores presentes. Estes testemunhos desmascararam vigorosamente o grupo fascista que se apoderou dos locais e dos haveres da Associação Resistência e Trabalho. Além disso, eles indicaram, claramente, como o tinha feito, aliás, a Comissão de Inquérito, que F. Marques Reigado, agente do fascismo, infiltrado no movimento associativo, é o cabecilha desse grupo provocatório.

Começando por analisar o que se tinha passado na Associação Resistência e Trabalho, as Associações concluíram: que, durante uma Assembleia Geral Extraordinária realizada nos dias 26 de Agosto e 23 de Setembro, «um grupo de provocadores impôs à Associação Resistência e Trabalho uma Comissão Administrativa à qual chamaram Comissão Directiva, dando-lhe todos os poderes e retirando aos sócios mesmo o direito de poderem convocar a Assembleia Geral»; «que todas as decisões da Assembleia Geral da ART de 16 de Agosto e 23 de Setembro foram votadas ilegalmente e são nulas».

Com base nestas constatações, as delegações presentes em Puteaux tomaram, por unanimidade, um determinado número de decisões que indicam claramente a sua firme resolução de tomar as medidas que a luta contra a provocação fascista impõe.

SUSPENDER AS RELACÕES COM A ASSOCIAÇÃO RESISTÊNCIA E TRABALHO

Membro fundador do nosso movimento, a ART está temporariamente sem direcção legal e nas mãos do fascismo. Deste modo, foi decidido: «Suspender as relações com a Associação Resistência e Trabalho até que os sócios tenham, de novo, restabelecido a vida normal e democrática da Associação, segundo os estatutos aprovados e ilegalmente suspensos».

Mas, na Holanda, uma Comissão Administrativa fascista, dita Comissão Directiva, continua a falar em nome da Associação Resistência e Trabalho, a contactar Associações e jornais portugueses e estrangeiros. Impunha-se, pois, dar a conhecer à opinião pública que a Comissão Directiva não pode representar a Associação Resistência e Trabalho. Foi o que indicou, claramente, a reunião de Puteaux, concluindo «que, na ART, não existe, neste momento, nenhum representante legal da massa associativa».

DAR A CONHECER OS NOMBRES DOS PROVOCADORES E EXPULSÁ-LOS

O grupo de provocadores a soldo de Caetano que se infiltrou na ART podia, uma vez daí varrido, ir para outro lado fazer o seu tenebroso trabalho, ao serviço dos que nos obrigaram a emigrar. Conscientes disso, determinaram, claramente, quem fazia parte desse grupo fascista, dando a conhecer que esse «grupo fascista é encabeçado por F. M. Reigado e formado ainda por Pedro Valente, Horácio Reigado, Senteiro, Edmundo Marques, Miguel de Oliveira e Manuela», e decidiram ainda «expulsar de todas as actividades inter-associações em que participem associações membras do MTPE, o grupo provocatório encabeçado por F. Marques Reigado».

A TODOS OS ANTIFASCISTAS

A rigorosa aplicação das conclusões da Reunião Inter-Associações Extraordinária de Puteaux fará o movimento associativo na emigração vencer esta nova batalha.

Hoje, há quem, embora consciente do carácter provocatório do grupo encabeçado por F. Marques Reigado, sönhe em servi-se dele contra as associações de trabalhadores. A Reunião de Puteaux decidiu recomendar «A todas as associações, tanto na Emigração como em Portugal, a não admitirem nas suas fileiras elementos desse grupo provocatório». Ela decidiu, ainda, considerar «como colaborando na provocação, todos aqueles que, depois de terem conhecimento do que aqui ficou decidido, colaborarem de qualquer modo que seja (participando em actividades, publicando ou distribuindo os seus textos, etc.), com elementos desse grupo provocatório».

O Movimento dos Trabalhadores Portugueses Emigrados, galvanizado pela reunião de Puteaux e inspirado nas suas decisões, saberá fazer frente, com a máxima firmeza, à onda de provocações e violência fascista de que tem sido alvo, ultimamente. Os que deram o golpe na Associação Resistência e Trabalho; os que atacaram a casa de um membro da Direcção do Centro Recreativo dos Portugueses de Bourges; os que atacaram os organizadores do grande sucesso popular que constituiu a festa de O Salto em Lyon; os que, ainda há pouco tempo, pela boca do provocador Júlio Henriques tentaram, num debate da Liga Portuguesa do Ensino e da Cultura Popular, confundir o

MTPE com uma organização partidária; os que pensam, no futuro, realizar provocações e outras acções da natureza das acima indicadas, que tomem bem nota: com o movimento dos trabalhadores emigrados não se brinca como com qualquer grupo de estudantes!!!

O Fascismo não passou com o Correio Português, a Associação Nacional dos Portugueses em França, as Equipas Franco-Portuguesas, O Mundo Português do tenebroso Monteiro Afonso.

O Fascismo não passará, nem com comandos fascistas nem com provocadores disfarçados de democratas!

É para fazer frente, a esta ofensiva fascista, é para, mais uma vez derrotarmos a «besta imunda» do fascismo que nós apelamos para os trabalhadores, todos os antifascistas portugueses ou estrangeiros.

Unamo-nos em torno do Movimento dos Trabalhadores Portugueses Emigrados, na base das conclusões da Reunião Inter-Associações de Puteaux!

Contra a Provocação!

Pela Unidade do Movimento Associativo, Independente e Democrático!

A Comissão Permanente do Movimento dos Trabalhadores Portugueses Emigrados.

Paris, 15 de Dezembro de 1973

EFEMÉRIDES 1974

1 Janeiro	— 15º aniversário (1959) da vitória da revolução cubana.
1 Janeiro	— 10º aniversário (1964) da Frente de Acção Popular FAP.
1 Janeiro	— 5º aniversário (1969) da publicação de <i>Estrela Vermelha</i> , órgão teórico do Partido Comunista de Portugal (marxista-leninista).
18 Janeiro	— 40º aniversário (1934) da insurreição operária da Marinha Grande.
21 Janeiro	— 50º aniversário (1924) da morte de V.I. Lênine.
31 Janeiro	— 50º aniversário do Pleno do Comité Central do Partido Comunista (bolchevique) da URSS após a morte de V.I. Lênine. Este Pleno confirma a orientação leninista do Partido bolchevique sob a direcção de I.V. Stáline, tendo sido isolado o punhado de contra-revolucionários trotskistas.
Fevereiro	— 25º aniversário (1944) das primeiras eleições presidenciais sob o fascismo. Norton de Matos concorre pela oposição mas retira-se.
Março	— 5º aniversário (1969) da publicação de <i>Unidade Popular</i> , órgão central do Partido Comunista de Portugal (m-l).
8 Março	— Dia Internacional da Mulher.
Abril	— 10º aniversário (1964) da fundação do Comité Marxista-Leninista Português, organização extinta que reorganizou o PCP(m-l) em 1970.
20 Abril	— 25º aniversário (1949) da I Conferência Mundial dos Partidários da Paz.
1-8 Maio	— 65º aniversário (1909) da publicação do livro de Lênine <i>Materialismo e Empiriocriticismo</i> , obra filosófica com que Lênine combateu o idealismo e o revisionismo surgido após a morte de Engels.
8 Maio	— 100º aniversário do nascimento de Inês Armand (1874-1920), destacada militante internacionalista.
19 Maio	— 70º aniversário (1904) da publicação do livro de V.I. Lênine <i>Um Passo em frente, Dois Passos atrás</i> , obra que define os princípios de organização do partido revolucionário da classe operária.
20 Maio	— 175º aniversário do nascimento de Balzac (1799-1850) principal representante do realismo crítico burguês.
1 Junho	— Dia Internacional da Criança.
17 Junho	— 50º aniversário (1924) do V Congresso da Internacional Comunista, que aprova o Programa da Internacional.
20 Junho	— 80º aniversário (1894) do livro de V.I. Lênine <i>Quem São os Amigos do Povo?</i> e <i>como Lutam contra os Sociais-Democratas</i> , primeira grande obra de Lênine de divulgação do marxismo em luta contra os populistas russos.
2 Julho	— 25º aniversário da morte de Georgi Dimitrov (1882-1949), dirigente da classe operária búlgara e da Internacional Comunista.
12 Julho	— 70º aniversário do nascimento do reformista e renegado Pablo Neruda (1904-1973).
1 Agosto	— 60º aniversário (1914) do desencadeamento da I Grande Guerra.
18 Agosto	— 30º aniversário da morte de Ernst Thaelmann (1886-1944), dirigente do operariado alemão morto pelos nazis.
26 Setembro	— 125º aniversário do nascimento de I.P. Pavlov (1849-1936), grande psicólogo russo que lançou os fundamentos da psicologia científica materialista.
28 Setembro	— 110º aniversário da fundação (1864) da Associação Internacional dos Trabalhadores (I Internacional).
29 Setembro	— 70º aniversário do nascimento de N.A. Ostrovski (1904-1936), escritor russo autor do romance <i>E o Aço Foi Temperado</i> , obra prima da literatura do realismo socialista.
1 Outubro	— 5º aniversário (1969) da publicação de <i>Servir o Povo</i> , órgão da União de Estudantes Comunistas (marxista-leninista).
1 Outubro	— 25º aniversário (1949) da fundação da República Popular da China.
Outubro	— 10º aniversário (1964) da fundação de <i>Revolução Popular</i> , órgão do Comité Marxista-Leninista Português.
3 Outubro	— 90º aniversário (1884) da publicação da obra de F. Engels <i>A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado</i> , uma das principais obras de Engels que demonstra a natureza histórica do Estado.
5 Outubro	— 40º aniversário (1934) da revolta armada dos operários das Astúrias.
25 Outubro	— 25º aniversário (1949) da fundação da República Democrática Alemã.
1 Novembro	— 20º aniversário (1954) do início da revolução popular anti-imperialista argelina.
7 Novembro	— 57º aniversário (1917) da Grande Revolução Socialista de Outubro.
30 Novembro	— 30º aniversário (1944) da Libertação da Albânia do ocupante fascista.
1 Dezembro	— 29º aniversário (1945) da fundação da Federação Internacional Democrática das Mulheres.
5 Dezembro	— 25º aniversário da morte na clandestinidade de Soeiro Pereira Gomes (1909-1949), romancista realista e dirigente comunista.

CONHECE os clubes de trabalhadores

FRANÇA

PARIS

Centro Outubro
154, Rue St. Maur
75011 PARIS
Metro Belleville

Liga Portuguesa do Ensino e da Cultura Popular
3, rue Recamier
75006 Paris

IVRY

Clube de Jovens Trabalhadores Portugueses de Paris
25, Rue Christophe Colomb
94200 IVRY SUR SEINE
Metro Pierre Curie

PUTEAUX

Associação «Encontro Português»
20, Rue du Centenaire
92800 PUTEAUX

RUEIL

Encontro Português de Rueil
32, Rue Molière
RUEIL MALMAISON

CHAMPIGNY

Clube Português de Champigny
70, Rue Dunkerque
94500 CHAMPIGNY

FRANÇA - Outras Regiões

GRENOBLE

Associação Portuguesa de Grenoble
22, Rue Marcel Peretot
GRENOBLE

LYON

ATPAL - Associação dos Trabalhadores Portugueses da Aglomeração Lionesa
3, Rue Diderot
69001 LYON

BOURGES

Centro Recreativo dos Portugueses
Centre Culturel (M.J.C.)
Boite Postale n° 1
«Chancellerie»
18005 BOURGES

ALEMANHA

STUTTGART

Associação Operária 1º de Maio
(Portugiesischer Verein)
7 STUTTGART 50
Pragstrasse 174

NEUSS

Centro Português de Neuss
404 NEUSS 8
Postfach 923

HOLANDA

AMSTERDÃO

Associação Resistência e Trabalho
Brink 1A
AMSTERDAM

INGLATERRA

LONDRES

Liga Portuguesa do Ensino
21, Theobald's Road
LONDON WC

LÊ O BOLETIM

união

REPÚBLICA DA GUINÉ (BISSAU)

OS FASCISTAS PORTUGUESES
BOMBARDEIAM
POPULAÇÕES CIVIS

Um comunicado de guerra do PAIGC, datado de 29 de Outubro de 1973, denuncia os bombardeamentos criminosos da aviação colonialista portuguesa.

O comunicado começa por analisar o significado da substituição do General Spínola, comandante chefe das forças de agressão colonialistas portuguesas: «Pensaram (...) que era possível acabar com a resistência do nosso povo mediante uma política de 'sorriso e sangue' onde a demagogia e as tentativas de corrupção iam de par com os assassinatos e o genocídio das populações consideradas irredutíveis. Ao fim de cinco anos, o general (Spínola) teve que regressar a Portugal, deixando as suas tropas na situação mais difícil em que jamais se encontraram, no nosso país. O malogro da sua acção criminosa — à qual deu o nome

rios que, por razões de segurança, tinham sido mudados». Quanto a estas acções criminosas, o referido comunicado afirma não exercerem influência sobre o moral revolucionário das populações.

Finalmente, o comunicado de 29 de Outubro dá notícia das vitórias alcançadas durante o mês de Outubro: ataques a Farim, Burntunuma (único posto ocupado pelos colonialistas na fronteira Leste) e Candjadudo; emboscadas na estrada Cadique-Iembere e nos sectores de Cubisseco e Mores (total de 49 mortos das tropas colonias nestes 3 locais). Quanto às acções realizadas no interior das vilas ainda ocupadas pelo exército agressor, realizaram-se: uma dentro do campo fortificado do Catió; a destruição de um camião Berliet no porto de Cubumbã; a destruição com-



O ensino desenvolve-se na República da Guiné (Bissau)

demagógico e ridículo de «Por uma Guiné Melhor» — impôs ao seu substituto uma mudança de tática. (...) O novo comandante chefe inimigo decidiu-se por uma política já não disfarçada de terror e genocídio contra as nossas populações civis.»

Seguidamente, o comunicado do PAIGC noticia que os sectores atingidos pelos bombardeamentos criminosos dos colonialistas foram Balana, Cubucaré e Tombali (no Sul), Nhacra, Sara e Morés, no Norte, e Boé, no Leste. O comunicado acrescenta ainda: «As vítimas são essencialmente mulheres, crianças e velhos. (...) É neste sector (Tombali) que se registou o número de vítimas mais elevado: 23 mortos, dos quais 4 mulheres, 8 crianças e 6 velhos (...). Os bombardeamentos da aviação portuguesa atingiram, em várias zonas, locais que dispunham de escolas e postos sanitá-

pleta dum depósito de abastecimentos também em Cubumbã; a explosão de várias minas antipessoal (1 morto e 6 feridos) no interior do campo fortificado de Tchugué.

No mesmo período, a artilharia da Guiné (Bissau) atacou as seguintes guarnições: Catió, Declanda e Cameconde, no Sul, Mato de Com, no Norte, e Sare Alíu, Ponte de Caium, Camadjabá, Dulombi e Candjadudo, no Leste.

Um comunicado de guerra mais recente (11 de Dezembro) volta a denunciar bombardeamentos dos colonialistas, precisando que a aviação portuguesa utilizou napalm contra a população de Indjassane, queimando grande número de aldeias desta região e destruindo dezenas de hectares de campos cultivados que estavam na altura da colheita.

CRIAÇÃO DA MOEDA
NACIONAL

Luís Cabral, chefe do Governo da República da Guiné (Bissau), declarou, numa entrevista à agência noticiosa do Senegal, que tinha sido criada a moeda nacional: o peso. Assim, o escudo português deixa de ter validade no território da República, excepto nas zonas ainda dominadas pelo exército de agressão colonialista. Luís Cabral afirmou ainda que o seu Governo editará os primeiros selos postais (de 1, 2, 5 e 10 pesos) da nova República.

GUINÉ MEMBRO
DA FAO

A República da Guiné (Bissau) foi admitida como membro da FAO (Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura) pela conferência bi-anual deste organismo.

ANGOLA

GREVES OPERÁRIAS
EM LUANDA

Um comunicado do MPLA, publicado em Brazzaville, a 22 de Outubro, assinala uma série de greves operárias ocorridas em Luanda, durante o mês de Setembro. As autoridades colonialistas viram-se forçadas a aumentar os salários, principalmente os dos estivadores, que passaram a ganhar quase o dobro.

Segundo o comunicado, o movimento foi organizado por patriotas angolanos e iniciou-se simultaneamente em várias empresas de Luanda. Teria também havido uma manifestação de alguns milhares de estivadores, junto ao palácio do governador, que foi dispersa pela polícia e tropa fortemente armadas. Foram presos alguns grevistas e manifestantes. O comunicado termina saudando «a magnífica vitória dos trabalhadores angolanos e a alta consciência revolucionária das classes trabalhadoras da capital de Angola».

APOIEMOS OS DESERTORES
E REFRACTÁRIOS

Cerca de 100 000 desertores e refractários portugueses encontram-se em vários países da Europa. Estes jovens recusaram-se a defender a dominação que a burguesia portuguesa mantém sobre os povos das colónias.

Se tivermos em conta que o exército colonialista agrupa cerca de 200 000 homens, vemos que o número de desertores e refractários é suficientemente grande para constituir um profundo golpe no esforço de guerra dos colonialistas. Ele constitui, só por si, um valioso apoio aos Movimentos de Libertação, na sua luta pela independência nacional.

Recusando participar na criminosa guerra colonial, estes jovens dão pois um exemplo de solidariedade internacionalista para com os trabalhadores das colónias, que são os mais directos aliados dos trabalhadores portugueses.

OBSTÁCULOS
À REGULARIZAÇÃO

Após a deserção, como têm estes jovens legalizado a sua situação nos países para onde se dirigem?

Até 1971, a sua legalização processava-se de modo idêntico à de qualquer emigrante clandestino. A partir desta data, o Governo português tentou desencorajar o importante movimento de deserção e negociou com a França — país onde acorrem a maioria dos desertores e refractários — os Acordos Franco-Portugueses da Emigração, destinados a impedir a regularização dos que chegavam a França clandestinamente. Por sua vez, a França pôs em vigor a Circular Fontanet que veio dificultar ainda mais a situação.

A LUTA DOS
DESERTORES
E REFRACTÁRIOS

Entretanto, os outros países da Europa, para onde se dirigem os desertores e refractários também põem entraves variados à sua regularização, apesar da Convenção de Genebra de 1951 lhes ter atribuído inteiro direito ao refúgio político.

Destas dificuldades, surgiu a necessidade dos jovens desertores e refractários se unirem e lutarem pelo estatuto legal a que têm direito, para além de fazerem

propaganda do espírito de solidariedade internacionalista e anti-imperialista que na sua maioria os levou a emigrar. Mas aqui põem-se problemas: lutarem, em que base? organizarem-se, como?

Ao recusarem participar na repressão da justa luta dos povos das colónias, os desertores e refractários assumem uma posição

política que lhes acarreta, caso fiquem em Portugal, uma pena de prisão de 6 a 8 anos, não contando com as habituais sevícias da PIDE - DGS e a eventualidade da mobilização forçada para a frente de batalha. Além disso, o seu acto de deserção é claramente dirigido contra a política colonialista portuguesa, a qual é abertamente condenada pela ONU e outras organizações internacionais.

Existem, portanto, aqui condições legais para a luta dos desertores e refractários pela concessão de um estatuto de refúgio político por parte dos países signatários da referida Convenção de Genebra, em particular os países europeus. É preciso apoiarmo-nos na solidariedade das massas desses países para nos defendermos das forças reacçãoárias que, dentro delas, não vêm com bons olhos a deserção dos jovens que iriam defender os seus investimentos nas colónias portuguesas.

Além disso, há toda uma acção de propaganda anticolonialista e anti-imperialista a realizar no estrangeiro. Por um lado, no seio da emigração portuguesa, com vista a combater as ideias chauvinistas que a burguesia portuguesa conseguiu incutir nas massas emigradas, e por outro, junto da opinião pública dos países para

onde emigramos, de modo a isolar ao máximo o governo fascista e colonialista português. Finalmente, o apoio à luta popular em Portugal, em particular no aspecto guerra colonial e ao lado de todas as organizações verdadeiramente democráticas, independentes e populares da emigração portuguesa, é outra das tarefas importantes da luta dos desertores e refractários.

ORGANIZAÇÃO
DA LUTA

Aos desertores e refractários portugueses — pelo seu nível de consciência, pelo motivo político por que emigraram —, coloca-se o problema de como prosseguir no exílio o combate ao fascismo e ao colonialismo.

Como trabalhadores emigrados que são, os seus problemas são em grande parte os mesmos que se põem ao conjunto dos trabalhadores emigrados e, nesse sentido, eles combatem os agentes do fascismo na emigração e dão um contributo valioso à luta pela criação da União dos Trabalhadores Portugueses Emigrados.

Como desertores e refractários, têm problemas próprios que justificam a sua organização à parte, criando um amplo movimento unitário de desertores e refractários que englobe todos os que se encontram dispersos nos vários países da Europa e que estejam dispostos a dar o seu contributo à luta consequente contra o fascismo, o colonialismo e o imperialismo.

Por tudo isto, se formou, em meados de 1972, o Comité de Apoio aos Desertores e Refractários Portugueses (CADRP), o qual é o embrião de um amplo movimento de desertores e refractários, em todos os países da Europa para onde estes emigram.

Este Comité organiza, para já em Paris, o apoio concreto aos desertores e refractários — nomeadamente na conquista do direito ao refúgio político. Além disso, ele apoia, por todos os meios ao seu alcance, a justa luta dos povos das colónias até à independência total, e tem como objectivo participar activamente no apoio à luta popular em Portugal, em particular no seu aspecto anticolonial.

Finalmente, importa assinalar, como aspecto importante da organização dos desertores e refractários portugueses no estrangeiro, a publicação, também em Paris, do jornal «A Voz do Deserto». O objectivo principal deste jornal é lançar as bases do «Movimento dos Desertores e Refractários Portugueses».

OS COLONIALISTAS CONVIDAM
OUTROS COLONIALISTAS

Os jornais fascistas portugueses não se cansam de propagandar que o governo português está disposto a convidar observadores independentes a visitarem as colónias para que possam contar, com imparcialidade, o que lá se passa. Para quem ainda pudesse ter algumas dúvidas de que os colonialistas só lá levam outros colonialistas, damos a seguinte notícia.

Na Holanda, vários deputados quiseram ir a Moçambique. Os colonialistas portugueses convidaram logo dois membros dos partidos mais reacçãoários do Parlamento holandês: O conser-

vador e o cristão-democrata. O Partido Radical pediu também um visto para um deputado e o governo português começou por dizer que o daria. No entanto, depois de o Partido Radical ter tornado público o nome do deputado, o Dr. de Gaay Fortman, o visto não veio. Este deputado tentou, seguidamente, arranjar um visto através duma estação de rádio holandesa que também ia a Moçambique, mas os colonialistas voltaram a não responder.

Um pormenor curioso neste caso é o facto de o Dr. de Gaay Fortman saber falar um dos dialectos do povo moçambicano — o Nyanja...

MOÇAMBIQUE

NOVAS VITÓRIAS DOS PATRIOTAS

Um comunicado de guerra da FRELIMO, publicado a 26 de Novembro em Dar-es-Salaam, noticia novas vitórias sobre as tropas coloniais portuguesas, na província do Niassa, durante o mês de Outubro. Foram abatidos 2 aviões e atacadas 3 posições, em

Chala, Maniamba e Luitize, tendo sido destruídas várias instalações militares.

Segundo o mesmo comunicado, as forças patrióticas armaram uma emboscada contra um comboio de tropas do exército colonial.

Os I Jogos Florais foram um êxito. Os segundos serão melhores.

PREPAREMOS DESDE JÁ A NOSSA PARTICIPAÇÃO

Os II Jogos Florais terão lugar a 1, 2 e 3 de Junho deste ano. Até lá, faltam cinco meses. Deverão ser cinco meses de intensa actividade de preparação e produção cultural das associações e de todos os artistas populares que queiram participar nos II Jogos Florais.

A participação activa nos Jogos Florais exige de todos uma eficiente preparação. Todos os participantes deverão palnear o seu trabalho com vista à sua participação, servindo-se da experiência acumulada antes e durante os I Jogos Florais. A medida que os II Jogos Florais se aproximam, devemos desenvolver e melhorar, com ânimo e perseverança redobrados, o trabalho planeado, integrando sempre que possível novas ideias e novas pessoas...

O estudo e a discussão das obras e dos grandes temas da cultura popular constituem um trabalho fundamental para o desenvolvimento da produção cultural pelas associações e por todos os artistas populares. Esta página de *O Salto* pretende ser um estímulo para uma ainda mais larga participação de artistas populares nos II Jogos Florais.

A divulgação do trabalho desenvolvido para as diversas moda-

lidades dos Jogos Florais é uma rica fonte de inspiração e um poderoso incentivo para todos os artistas populares que preparam a sua participação. Desde modo, seguiremos atentamente o trabalho cultural que se realiza nas associações e por outros participantes nos II Jogos Florais.

Os ensinamentos trazidos pelos I Jogos Florais devem orientar o trabalho para os segundos. Os aspectos positivos dos I Jogos Florais, tal como os erros cometidos, devem ser analisados cuidadosamente. Aqueles devem ser melhorados, estes devem ser corrigidos através da crítica activa e positiva e da firme vontade de não tornar a cometê-los.

Sugestões e críticas, tanto para melhorar os aspectos positivos dos I Jogos Florais como para transformar os erros cometidos numa força dos segundos, são de extrema importância para os II Jogos Florais serem um êxito ainda maior. Que a secção de críticas e sugestões que abrimos neste número de *O Salto* nos traga valiosos ensinamentos para que os II Jogos Florais Portugueses venham a ser mais uma grandiosa manifestação da cultura popular!

Mãos à obra!

Nós participamos nos II Jogos Florais

Como sobressai desta entrevista, a ATPAL elaborou já todo um plano de actividades tendo como meta a sua participação em várias modalidades dos II Jogos Florais. As secções cultural e de propaganda estão em plena actividade e dedicam-se à preparação da peça «Quem é o Pai Natal?», bem como à feitura de cabeçudos como meio de propaganda das realizações.

O Salto: Os I Jogos Florais foram um êxito. Como pensa a vossa associação contribuir para que os segundos sejam melhores?

ATPAL: A nossa melhor contribuição está no bom trabalho a assegurar, daqui até aos Jogos Florais, na medida em que as actividades da associação se forem desenvolvendo e a massa associativa crescendo, a contribuição da ATPAL para os Jogos Florais será mais importante e melhor organizada.

E evidente que uma das nossas grandes preocupações é a organização consequente da propaganda aos II Jogos Florais, ligada ao desenvolvimento do nosso trabalho associativo e à mobilização

dos colaboradores da associação nesse sentido.

O Salto: Qual foi a principal lição que tiraram da vossa participação nos I Jogos Florais?

ATPAL: A nossa participação nos I Jogos Florais foi nitidamente deficiente devido, principalmente, ao facto de haver uma vida associativa muito reduzida, o que impedia uma boa preparação e propaganda. Constatámos que os I Jogos Florais foram uma manifestação popular de grande importância política, na luta contra o obscurantismo e pelo desenvolvimento do associativismo independente, democrático e popular. Houve certas falhas de pormenor que não comprometeram o resultado global e que concertiza serão corrigidas de maneira a que os II Jogos Florais sejam um sucesso ainda maior.

O Salto: Como estão a preparar a vossa participação nos II Jogos Florais?

ATPAL: Foi feito um planeamento para as secções cultural e de propaganda até aos II Jogos Florais tendo em conta o desenvolvimento da vossa associação e

o seu enquadramento nas actividades para os Jogos Florais, actividades essas que nós consideramos das mais importantes para o movimento associativo.

As linhas principais deste plano são a *Festa da Criança*, em 25 de Dezembro, com a apresentação da peça «Quem é o Pai Natal?» (festejando a criança e pondo a claro o que é o Natal); a *comemoração do 18 de Janeiro de 1934; A festa do Carnaval*, onde apresentaremos um grupo de cabeçudos que actuará também nos Jogos Florais; e, finalmente, a *comemoração do 1º Maio*, com os temas de apoio à luta popular em Portugal e o internacionalismo. Pensamos poder participar nos II Jogos Florais através das modalidades de teatro, música, desporto, etc.

O Salto: Como surgiu a ideia dos cabeçudos?

ATPAL: A ideia dos cabeçudos surgiu na discussão da propaganda para a festa do Carnaval. Pensámos, a partir daí, utilizá-la como meio permanente de propaganda das nossas festas e outras realizações de convívio.

III JOGOS FLORAIS PORTUGUESES CONCURSO DO CARTAZ

REGULAMENTO

1. — Com o fim de anunciar e dar o máximo de publicidade aos III Jogos Florais Portugueses na emigração, será editado um cartaz para cuja elaboração se abre, desde já, um concurso.

2. — O cartaz deverá conter o texto seguinte:

— III Jogos Florais Portugueses
— Concurso de Literatura, Teatro, Música, Escultura, Cinema, Fotografia, Pintura, Desenho e Desporto
— Organizado pelo Movimento dos Trabalhadores Portugueses Emigrados (MTPE)
— 17, 18 e 19 de Maio de 1975

— Para obter informações e regulamento escreve para *O Salto* BP 95 - 75522 Paris Cedex 11

3. — Não estando ainda determinado a localidade onde se realizarão os Jogos, deverá vir indicado uma palavra de 5 letras correspondente à mancha.

4. — O cartaz deverá apresentar um motivo que leve a identificar facilmente toda a propaganda aos III Jogos Florais que, a partir deste cartaz, se efectue.

5. — Os projectos devem ser apresentados no formato 45 x 30 cm, podendo recorrer-se a 3 cores, além do preto.

6. — Todos os projectos devem dar entrada até ao dia 31 de Maio de 1974.

7. — Será atribuído o Prémio União dos Trabalhadores Portugueses Emigrados ao cartaz que melhor representar o espírito dos Jogos Florais e que, simultaneamente, patenteie um maior nível artístico e propagandístico. O Prémio será entregue durante os III Jogos Florais Portugueses.

8. — O Júri deste concurso será nomeado pela Comissão Permanente do MTPE.

ESCREVE PARA «O SALTO»
SOBRE OS JOGOS FLORAIS



Um rancho folclórico nos I Jogos Florais

CRÍTICAS & sugestões

Têm-nos chegado várias cartas relativas aos I Jogos Florais. Nessas cartas, os leitores fazem críticas aos I Jogos Florais e sugestões para os segundos. Da leitura de uma das cartas, nasceu-nos a ideia de criar esta secção. Nela iremos publicando regularmente

as cartas que nos forem chegando. Será uma forma de os leitores contribuírem para fazer com que os II Jogos Florais sejam ainda melhores. A carta que a seguir transcrevemos chegou-nos no mês de Outubro, e é da autoria de F.G. de Champigny.

A MÚSICA POPULAR PORTUGUESA

Caros Camaradas,
Há muito que ando a pensar escrever-vos sobre os Jogos Florais de Vincennes, mas fiquei mais tempo do que pensava lá em baixo e só agora pude voltar.

Grande foi a minha alegria por ali ter visto, pela primeira vez na emigração, milhares de trabalhadores como eu reunidos longe da pata dos cães polícias de Caetano na emigração, dos senhores dos consuladros. Cá vai, pois, a minha contribuição a essa obra que muito admirei.

Uma coisa que faltou na festa em Vincennes foi um ainda maior número de músicos e dançarinos portugueses. Aqui, onde eu habito, há pelo menos dois acordeonistas e um deles esteve aí em Vincennes, e ficou muito admirado quando eu lhe disse que ele também podia lá ter tocado. Penso que se devia informar todos os portugueses sobre os concursos de música e de dança (...)

Outra coisa que não achei bem foi que não houvesse primeiros prémios para toda a gente, que o conjunto típico que lá tocou só tivesse ganho o 2º prémio, ficando o 1º prémio na gaveta (...)

NOTA DA REDACÇÃO Em geral, estamos de acordo com as críticas e sugestões deste nosso leitor. A Comissão dos II Jogos Florais informa-nos o seguinte, a respeito dos prémios nos II Jogos Florais:

1) Será sempre atribuído o 1º, 2º e 3º prémios para os melhores concorrentes em cada modalidade.

2) O prémio UTPE será somente atribuído às obras que unam o seu valor artístico à defesa dos interesses dos trabalhadores.

Directeur de publication: Bernard Weber



O teatro foi uma das modalidades mais concorridas nos I Jogos Florais